

# Outro estudo de mulher

Honoré de Balzac

## I – O SEGREDO DOS SARAUS PARISIENSES

Em Paris, encontram-se quase sempre dois saraus, quer nos bailes, quer nos *routs*. Primeiro, uma reunião oficial à qual assistem as pessoas convidadas, grupo da alta roda que se aborrece. Cada qual toma atitudes para impressionar o vizinho. A maioria das jovens damas comparece por causa de uma só pessoa. Quando cada uma das senhoras verificou que é a mais bela para a referida pessoa e que este conceito pôde ser compartilhado por algumas outras, depois da troca de frases insignificantes, como estas: “Pretende ir cedo à Crampade?” “A sra. de Portenduère cantou muito bem!”, “Quem é aquela mulherzinha que tem tantos diamantes?” ou, depois de ter desfechado algumas frases epigramáticas que causam um prazer passageiro e feridas de longa duração, os grupos rareiam, os indiferentes se retiram, as velas ardem nos castiçais. A dona da casa retém, então, alguns artistas, a gente alegre, alguns amigos, dizendo-lhes: “Fiquem, vamos cear na intimidade”. Reúnem-se num pequeno salão. Começa então o segundo, o verdadeiro sarau, sarau em que, como no Antigo Regime, cada um ouve o que se diz, em que a conversação é geral, em que se é forçado a ter espírito e a contribuir para o divertimento de todos. Tudo tem realce, um riso franco sucede aos ares afetados, que, em sociedade, dão um ar aflito aos mais lindos rostos. Enfim, o prazer se inicia no momento em que termina o *rout*. O *rout*, essa fria revista de luxo, esse desfilar de amores-próprios em grande gala, é uma dessas invenções inglesas que tendem a *mecanizar* as demais nações. Dir-se-ia que a Inglaterra faz questão de que o mundo inteiro se aborreja como ela e tanto quanto ela.

## II – EM CASA DA SRTA. DES TOUCHES

Esta segunda reunião é, pois, na França, em algumas casas, um oportuno protesto do antigo espírito do nosso alegre país; infelizmente, porém, poucas são as casas

que protestam, e a razão é simples: se hoje não se ceia muito, é isso devido a que sob nenhum regime houve menos gente abastada, bem instalada na vida e triunfante do que sob o reinado de Luís Filipe, no qual a Revolução legalmente recomeçou. Todos estão em marcha para um fim qualquer, trota-se em busca da fortuna. O tempo tornou-se a mais cara mercadoria; ninguém, pois, pode entregar-se à prodigiosa prodigalidade de recolher-se aos seus penates no dia seguinte, para levantar-se tarde. Não se encontra, portanto, um segundo sarau a não ser em casa de mulheres suficientemente ricas para darem recepções; e depois de Julho de 1830 essas mulheres são contadas a dedo em Paris. Apesar da muda oposição do Faubourg Saint-Germain, duas ou três damas, entre as quais se apontam a marquesa d'Espard e a srta. des Touches não quiseram renunciar à porção de influência que tinham em Paris e não fecharam os seus salões.

O salão da srta. des Touches, tão famoso em Paris, é o derradeiro asilo onde se refugiou o espírito francês de outrora, com sua profundidade oculta, suas mil sutilezas e sua polidez delicada. Ali observais, ainda, graça nas maneiras, apesar das convenções da urbanidade, franqueza na conversação, não obstante a reserva natural das pessoas bem-educadas, e, sobretudo, generosidade nas ideias. Ali, ninguém se lembra de reservar seu pensamento para um drama, e, numa narrativa, ninguém vê matéria para um livro. Enfim, o hediondo esqueleto de uma literatura encurralada não se ergue a propósito de um dito feliz ou de um assunto interessante.

A recordação de um desses saraus mais particularmente se me gravou no espírito, não tanto por causa de uma confidência na qual o ilustre de Marsay pôs a nu um dos mais profundos refolhos do coração da mulher, como por causa das observações a que sua narrativa deu lugar a respeito das mudanças operadas na mulher francesa depois da fatal Revolução de Julho.

Durante essa recepção, o acaso reunira várias pessoas cujos incontestáveis méritos lhes valeram reputação europeia. Não vai nisto uma lisonja para a França, porquanto havia diversos estrangeiros entre nós. Aliás, os homens que mais brilharam não eram os mais célebres. Réplicas engenhosas, finas observações, excelentes gracejos, quadros pintados com brilhante nitidez esfuziaram e se sucederam sem artifício, prodigalizaram-se sem desdém e sem rebuscamento, mas foram deliciosamente apreciados e delicadamente saboreados. As pessoas da alta sociedade fizeram-se notar sobretudo por uma graça e uma veia essencialmente

artística.

### III – O QUE SÓ EM PARIS SE ENCONTRA

Encontrareis alhures na Europa maneiras elegantes, cordialidade, bonomia, ciência; mas, somente em Paris, nesse salão e naqueles a que acima me referi, abunda o espírito particular que dá a todas essas qualidades sociais um todo agradável e caprichoso, não sei que ímpeto fluvial que faz serpentear com tanta facilidade essa profusão de pensamentos, de fórmulas, de contos, de documentos históricos. Somente Paris, capital do gosto, conhece essa ciência que transforma uma conversação num torneio em que cada variedade de espírito se condensa num dito, em que cada um diz sua frase e põe sua experiência numa palavra, onde todos se divertem, repousam e se exercitam. Por isso, somente ali podereis trocar ideias; ali, não carregareis, como o delfim da fábula um macaco sobre o dorso; ali sereis compreendido, e não vos arriscareis a apostar, no jogo, moedas de ouro contra moedas de cobre. Enfim, ali, segredos bem traídos, conversações leves e profundas ondulam, giram, mudam de aspecto e de cor a cada frase. As críticas vivas e as narrativas apressadas incitam-se umas às outras. Todos os olhos ouvem, os gestos interrogam e a fisionomia responde. Enfim, ali tudo é, numa palavra, espírito e pensamento. Jamais o fenômeno oral, que, bem estudado, bem manejado, faz o poder do ator e do narrador, me havia enfeitiçado tão completamente. Não fui o único a experimentar a influência de tais seduções, e todos passamos um serão delicioso.

A conversação, que se tornará narradora, carreou no seu curso precipitado confidências curiosas, vários retratos, mil loucuras, que tornam essa encantadora improvisação absolutamente intraduzível; mas, deixando a essas coisas seu verdor, seu natural abrupto, suas falaciosas sinuosidades, podereis, talvez, compreender o encanto de um verdadeiro serão francês, considerado no momento em que a mais doce familiaridade faz todos esquecerem seus interesses, seu amor-próprio especial, ou, se quiserdes, suas pretensões.

### IV – UMA LEI DO BOM GOSTO

Cerca das duas horas da madrugada, no momento em que a ceia terminava, não

havia mais, em torno à mesa, senão íntimos, todos experimentados por um convívio de quinze anos, ou pessoas de gosto refinado, bem-educadas, com amplo conhecimento da vida social. Por uma convenção tácita e bem observada, todos, na ceia, renunciavam à sua importância. O tom era dado por uma igualdade absoluta. Aliás, não havia ninguém que não tivesse orgulho da própria personalidade. A srta. des Touches obriga os convidados a ficarem à mesa até a hora da partida, isso depois de ter, por várias vezes, notado a mudança total que se opera nos espíritos pelo deslocamento. Na passagem da sala de jantar para o salão, quebra-se o encanto. Segundo Sterne, as ideias de um autor que se barbeou diferem das que ele tinha antes. Se Sterne tem razão, não se poderá afoitamente afirmar que o estado de espírito das pessoas sentadas à mesa não é mais o dessas mesmas pessoas de volta ao salão? A atmosfera não é mais capitosa, os olhos não contemplam mais a brilhante desordem da sobremesa, perdem-se as vantagens daquela moleza de espírito, daquela benevolência que nos invade quando permanecemos na postura do homem farto, bem acomodados numa dessas cadeiras fofas como as fazem hoje. Conversa-se, talvez, com mais prazer diante de uma sobremesa, em companhia de vinhos finos, durante o momento delicioso em que cada um pode fincar o cotovelo na mesa e amparar a cabeça na mão. Não só então todos gostam de falar, mas também de ouvir. A digestão, quase sempre atenta, é, segundo os caracteres, ou tagarela ou silenciosa. Todos então se satisfazem. Não achais este preâmbulo necessário para vos iniciar nas seduções da narrativa confidencial, pela qual um homem célebre, falecido depois disso, pintou o inocente jesuitismo da mulher com a finura peculiar às pessoas que viram muitas coisas e que faz dos homens de Estado deliciosos narradores, quando, como os príncipes de Talleyrand e de Metternich, se dignam narrar?

## V – O ORADOR

De Marsay, nomeado primeiro-ministro fazia seis meses, já dera provas de uma capacidade superior. Conquanto os que o conheciam de longa data não se admirassem de vê-lo evidenciar todos os talentos e as diversas aptidões do homem de Estado, podia-se perguntar se ele já se sabia um grande político, ou se se desenvolvera ao calor das circunstâncias. Essa pergunta, feita com intenção evidentemente filosófica, acabava de lhe ser dirigida por um homem de espírito e

observador, que ele nomeara prefeito, que fora jornalista durante muito tempo e que o admirava sem que na sua admiração se mesclasse esse filete de crítica avinagrada, com o qual, em Paris, um homem superior se escusa de admirar um outro.

— Houve na sua vida passada um fato, um pensamento, um desejo que lhe revelassem sua vocação? — perguntou-lhe Emílio Blondet —, pois todos nós, como Newton, temos a nossa maçã que cai e que nos leva para o terreno onde as nossas faculdades se desenvolvem...

— Sim — respondeu de Marsay —, vou contar-lhes isso.

Lindas mulheres, dândis políticos, artistas, velhos, os íntimos de de Marsay, todos se acomodaram, cada um na sua atitude peculiar, e contemplaram o primeiro-ministro. Desnecessário é dizer que os criados se haviam retirado, que as portas estavam fechadas e os reposteiros corridos. Foi tão profundo o silêncio, que se ouvia, no pátio, o murmúrio dos cocheiros, as patadas e os ruídos feitos pelos cavalos na sua ânsia de voltar para a estrebaria.

— O homem de Estado, meus amigos, não existe senão por uma única qualidade — disse o ministro brincando com a sua faca de nácar e ouro —: é a de saber ser sempre senhor de si, de analisar constantemente todo e qualquer acontecimento, por fortuito que seja, enfim, de ter no seu interior um ser frio e desinteressado que assista como espectador a todos os movimentos da vida, às nossas paixões, aos nossos sentimentos, e que nos segrede a propósito de tudo as sentenças de uma espécie de código moral.

— O senhor assim nos explica o motivo pelo qual são tão raros os homens de Estado na França — disse o velho lorde Dudley.

— Sob o ponto de vista sentimental — continuou o ministro — isso é horrível. Assim, quando se dá esse fenômeno num rapaz... (Richelieu, avisado do perigo de Concini, por uma carta, na véspera, dormiu até o meio-dia, quando a hora marcada para matarem seu benfeitor era às dez horas) um rapaz, Pitt ou Napoleão, se quiserem, é uma monstruosidade? Muito cedo tornei-me esse monstro, e graças a uma mulher.

— Eu julgava — disse a sra. de Montcornet sorrindo — que nós destruíamos muito mais políticos do que os que fazíamos.

— O monstro de que lhes falo não é monstro senão porque lhe resiste — respondeu o narrador com uma irônica inclinação de cabeça.

— Se se trata de uma aventura de amor — disse a baronesa de Nucingen —, peço que não a interrompam por nenhuma reflexão.

— A reflexão é tão contrária às aventuras de amor! — exclamou José Bridau.

## VI – UMA DEFINIÇÃO DA MULHER

— Eu tinha dezessete anos — continuou de Marsay —, a Restauração ia firmar-se; meus velhos amigos sabem quanto eu era impetuoso e ardente naquela época. Amava pela primeira vez e, hoje posso dizê-lo, era um dos rapazes mais bonitos de Paris. Tinha beleza e mocidade, duas vantagens filhas do acaso e das quais nos orgulhamos como de uma conquista. Quanto ao resto, sou forçado a calar-me. Como todos os moços, eu amava uma mulher seis anos mais velha do que eu. Nenhum dos presentes — disse ele percorrendo com o olhar a roda da mesa — pode suspeitar qual o nome dessa mulher, nem a reconhecer. Ronquerolles foi o único naquela época que adivinhou o meu segredo, mas guardou-o religiosamente; teria receio do seu sorriso, mas ele já saiu — disse o ministro olhando em torno.

— Ele não quis cear — disse a sra. de Sérisy.

— Empolgado por meu amor, fazia seis meses, incapaz de perceber que minha paixão me dominava — continuou o primeiro-ministro —, entregava-me a essas adoráveis divinizações que são o triunfo e a frágil felicidade da juventude. Eu guardava *suas* luvas velhas, bebia uma infusão das flores que *ela* tinha usado, levantava-me à noite para contemplar *suas* janelas. O sangue subia-me ao coração ao respirar o perfume que *ela* adotara. Estava a mil léguas de admitir que as mulheres são estufas com revestimento de mármore.

— Oh, poupe-nos suas horríveis máximas! — disse a sra. de Camps, sorrindo.

— Creio que eu teria fulminado com o meu desprezo o filósofo que publicou esse terrível pensamento de uma exatidão profunda — disse de Marsay. — Todos aqui são bastante inteligentes para que seja preciso eu lhes dizer mais. O pouco que disse basta para lhes lembrar as próprias loucuras.

## VII – PERFIL DE GRANDE DAMA

— Grande dama como as que mais o tenham sido e viúva sem filhos (nada lhe faltava), meu ídolo se encerrava para com suas próprias mãos marcar minha roupa com cabelos seus; enfim, respondia às minhas loucuras com outras loucuras. Como, pois, não crer na paixão, quando tem por garantia a loucura? Tínhamos, um e outro, utilizado todo o nosso espírito em ocultar um tão belo e completo amor aos olhos do mundo e o conseguimos. Por isso, como eram encantadoras nossas escapadas! Dela nada lhes direi; perfeita naquele tempo, ainda hoje passa por ser uma das mais belas mulheres de Paris; mas naquele tempo a gente se faria matar por um de seus olhares. Ficara numa situação de fortuna satisfatória para uma mulher adorada e que amava, mas que a Restauração, à qual devia um novo brilho, tornava pouco conveniente em relação a seu nome. Na minha situação, eu tinha a fatuidade de não conceber uma única suspeita. Embora meu ciúme fosse então de uma potência de cento e vinte Otelos, esse sentimento terrível dormitava em mim como o ouro na sua pepita. Ter-me-ia feito aplicar umas bengaladas pelo meu criado, se tivesse tido a vileza de pôr em dúvida a pureza daquele anjo tão franzino e tão forte, tão louro e tão ingênuo, puro, cândido, e cujos olhos azuis se deixavam penetrar, até o último, com adorável submissão, pelo meu olhar. Jamais a menor hesitação na atitude, no olhar ou nas palavras; sempre alva, fresca e à disposição do bem-amado como o lírio oriental do *Cântico dos cânticos*...! Ah, meus amigos! — exclamou dolorosamente o ministro, que voltara a ser rapaz —, será preciso bater rijamente com a cabeça no mármore para dissipar esta poesia?

Esse brado natural, que ecoou entre os convivas, espicou-lhes a curiosidade, já tão sabiamente excitada.

#### VIII – IDEIAS DE DE MARSAY SOBRE O CIÚME

— Todas as manhãs, montado naquele belo Sultão que o senhor me mandou da Inglaterra — disse ele a lorde Dudley —, eu passava por sua caleça, cujos cavalos iam propositalmente a passo, e via a palavra de ordem escrita com flores no seu ramo, no caso em que não pudéssemos rapidamente trocar umas palavras. Embora nos víssemos todas as noites em sociedade e ela me escrevesse todos os dias, tínhamos adotado, para escapar aos olhares e desviar as observações, um certo modo de proceder. Não nos olharmos, evitar-nos, falar mal um do outro, admirar um ao outro, gabar-se ou se fazer de apaixonado desprezado, nenhum desses velhos

ardis valem, quer de um, quer de outro lado, uma falsa paixão confessada por uma pessoa indiferente e um ar de indiferença para com o ídolo verdadeiro. Se dois amantes quiserem representar essa comédia, o mundo será sempre enganado; mas, nesse caso, devem estar bem seguros um do outro. O escudo de que ela se servia era um homem bem-visto do rei, cortesão, frio e devoto que não era recebido em sua casa. Essa comédia representava-se para os tolos e os salões, que riam dela. Entre nós não se falava em casamento; seis anos de diferença podiam preocupá-la; ela nada sabia da minha fortuna, que, por princípio, sempre ocultei. Quanto a mim, encantado com o seu espírito, as suas maneiras e a vastidão dos seus conhecimentos, com o seu conhecimento do mundo, eu a teria desposado sem refletir. Não obstante, essa reserva me agradava. Se me tivesse falado primeiro em casamento de um certo modo, é possível que descobrisse vulgaridade naquela alma perfeita. Seis meses cheios e plenos, um diamante da mais bela água! Eis meu quinhão de amor neste vale de lágrimas. Certa manhã, vítima dessa febre com abatimento, motivada por um resfriado em começo, escrevi-lhe um bilhete para adiar uma dessas festas secretas, ocultas sob os tetos de Paris, como pérolas no mar. Depois de mandar a carta, tive remorsos: ela não acreditaria na minha doença, pensei. Ela se mostrava enciumada e desconfiada. Quando o ciúme é verdadeiro — disse de Marsay interrompendo-se — é sinal evidente de um amor único...

— Por quê? — perguntou com vivacidade a princesa de Cadignan. ]

— O amor único e verdadeiro — disse de Marsay — produz uma espécie de apatia corporal, em harmonia com a contemplação na qual se cai. O espírito, então, complica tudo, incita-se a si mesmo, para si mesmo desenha fantasias, faz delas realidades, tormentos; e esse ciúme é tão sedutor quanto incômodo.

Um ministro estrangeiro sorriu ao verificar, à luz de uma lembrança, a verdade dessa observação.

## **IX – MOÇO, BELO, ESPIRITUOSO, APAIXONADO, MUITO FORTE E... TRAÍDO**

— De resto, dizia-me a mim mesmo, por que perder uma felicidade? — continuou de Marsay, recomeçando sua narrativa. — Não seria melhor ir mesmo com febre? Ademais, sabendo-me doente, julgo-a capaz de vir e de comprometer-se. Fiz um esforço, escrevi uma segunda carta e levei-a eu mesmo, porquanto meu homem de

confiança achava-se ausente. Separava-nos o rio, eu tinha de atravessar Paris; mas, enfim, a uma distância conveniente de seu palácio, chamo um mensageiro, recomendo-lhe levar imediatamente a carta e tenho a ideia luminosa de passar de fiacre diante da casa dela para ver se, por acaso, não iria receber os dois bilhetes ao mesmo tempo. No momento em que chego, às duas horas abria-se o portão para deixar entrar o carro, de quem...? do escudo! Isso foi há quinze anos... Pois bem, ao lhes falar nesses fatos, o orador esgotado, o ministro consumido pelo contato dos negócios públicos sente ainda uma febre em seu coração e um calor no diafragma. Ao cabo de uma hora, torno a passar: o carro ainda estava no pátio! Meu bilhete continuava sem dúvida no cubículo do porteiro. Enfim, às três e meia, o carro partiu, e eu pude estudar a fisionomia de meu rival: estava sério, não sorria; mas ele amava, e com certeza se tratava de algum negócio. Vou ao local da entrevista, a soberana de meu coração chega, está calma, pura e serena. Aqui, devo confessar que sempre achei Otelo não só estúpido, mas também de mau gosto. Somente um homem meio negro é capaz de proceder dessa forma. Aliás, Shakespeare assim o sentiu quando intitulou sua peça *O Mouro de Veneza*. O aspecto da mulher amada tem qualquer coisa de tão balsâmico para o coração que deve dissipar as dores, as dúvidas, os pesares; toda a minha cólera se foi, tornei a achar meu sorriso. Desse modo, essa atitude que, na minha idade, seria a mais horrível dissimulação, foi um efeito da minha mocidade e do meu amor. Uma vez sepultado o meu ciúme, tive forças para observar. Meu estado doentio era visível e as suspeitas horríveis que me atormentavam aumentavam-no mais ainda. Por fim, achei um jeito para escorregar estas palavras: “Não tinhas ninguém hoje em casa?” — baseando-me na inquietação em que me deixara o temor de que ela não dispusesse da manhã, depois do meu primeiro bilhete. “Ah! é preciso ser homem para ter semelhantes ideias. Eu, pensar em outra coisa a não ser nos teus padecimentos! Até o momento em que recebi teu segundo bilhete, só o que fiz foi pensar nos meios para ir ver-te.” “E estiveste sempre só?” “Sozinha”, respondeu, olhando-me com uma atitude de tão perfeita inocência, que foi desafiado por um ar dessa natureza que o Mouro deve ter matado Desdêmona. Como só ela é que ocupava o seu palacete, aquela afirmação era uma deslavada mentira. Basta uma única falsidade para destruir a confiança absoluta que, para certas almas, é a própria essência do amor. Para exprimir-lhes o que se passou em mim naquele momento, seria preciso admitir que temos um ser interior de que o *nós* visível é a bainha, que esse ser, brilhando como uma luz, é dedicado

como uma sombra... pois bem, esse belo *eu* vestiu-se para sempre de crepe. Sim, senti uma mão fria e descarnada envolver-me com o sudário da experiência, imporme o luto eterno que uma primeira traição atira sobre nossa alma. Ao baixar os olhos para não lhe deixar ver minha estupefação, o seguinte pensamento de orgulho restituiu-me alguma força: “Se ela te engana, é indigna de ti!”. Atribuí a súbita vermelhidão e as lágrimas que me vieram aos olhos a um recrudescimento das dores, e a meiga criatura quis acompanhar-me até minha casa, com os estores do fiacre descidos. Pelo caminho, ela foi de uma solicitude e de uma ternura que teriam iludido o próprio Mouro de Veneza, a quem tomo como termo de comparação. Com efeito, se aquela criança grande hesita dois segundos, todo espectador inteligente adivinha que ele vai pedir perdão a Desdêmona. Assim, matar uma mulher é um ato de criança!

#### **X – A MULHER É UM MACACO**

Ela chorou ao deixar-me, de tão infeliz que se sentia por não poder ela própria me tratar. Quisera ser meu criado de quarto, cuja ventura era para ela motivo de ciúme, e tudo isso redigido, oh! como o teria escrito Clarissa        feliz. Há sempre um verdadeiro macaco na mais linda e angélica mulher!

Ao ouvir essa sentença, todas as damas baixaram os olhos como que feridas por essa cruel verdade, tão severamente formulada.

— Nada lhes direi nem da noite nem da semana que passei — continuou de Marsay —; foi então que compreendi que era um homem de Estado.

Disse tão bem essa frase que todos nós deixamos escapar um gesto de admiração.

#### **XI – PROFUNDA SENSACÃO**

— Ao repassar com espírito infernal as vinganças verdadeiramente cruéis que se podem exercer sobre uma mulher — disse de Marsay continuando — (e, como nos amávamos, havia-as terríveis, irreparáveis), eu me desprezava, sentia-me vulgar, formulava insensivelmente um código horrível, o da Indulgência. Vingarmo-nos de uma mulher, não é isso reconhecer que somente uma existe para nós, sem a qual não poderíamos viver? E nesse caso é a vingança um meio de reconquistá-la? Se ela

não nos é indispensável, se outras existem para nós, por que não lhe deixar o direito de mudar, direito que nos arrogamos? Isto, bem entendido, só se aplica à paixão, do contrário seria antissocial; nada demonstra melhor a necessidade do casamento indissolúvel do que a instabilidade da paixão. Os dois sexos devem ser acorrentados, como animais ferozes que são, dentro de leis fatais, surdas e mudas. Suprimi a vingança, e a traição nada mais é no amor. Os que creem que não existe para eles mais do que uma mulher no mundo, esses devem ser pela vingança, e nesse caso só há uma, a de Otelo. Agora lhes conto a minha.

Essas palavras provocaram entre nós esse movimento imperceptível que os jornalistas, nos discursos parlamentares, indicam assim: (Profunda sensação).

## XII – OS CABELOS

— Curado do meu resfriado e do amor puro, absoluto e divino, deixei-me levar por uma aventura cuja heroína era encantadora e de um gênero de beleza inteiramente oposto ao do meu anjo enganador. Abstive-me cuidadosamente de romper com aquela mulher tão forte e tão boa comediante, pois não sei se o verdadeiro amor dá tão agradáveis gozos como os que prodigaliza um tão hábil engano. Semelhante hipocrisia vale tanto como a virtude (não digo isso para as inglesas, *milady* — exclamou mansamente o ministro, dirigindo-se a *lady* Barimore, filha de *lord* Dudley). Enfim, procurei ser o mesmo apaixonado de antes. Tive de mandar preparar, para o meu novo anjo, algumas mechas dos meus cabelos, e fui à casa de um hábil artista, que naquela época morava na rue Boucher. Esse homem tinha o monopólio dos presentes capilares, e dou seu endereço para os que não tiverem muito cabelo; ele os tem de todas as qualidades e de todas as cores. Depois de me fazer explicar minha encomenda, mostrou-me seus trabalhos. Vi então obras de paciência que sobrepujam o que os contos atribuem às fadas e o que os forçados fazem. Pôs-me a par dos caprichos e das modas que regiam o ramo de cabelos. “De há um ano para cá”, disse-me ele, “está fazendo furor marcar a roupa branca com cabelos, e felizmente eu tinha lindas coleções de cabelos e ótimas obreiras.” Ao ouvir tais palavras, invade-me uma suspeita, puxo o lenço e digo-lhe: “De modo que isto foi feito em sua casa, com cabelos falsos?”. Ele olhou o lenço e disse: “Oh, essa dama era muito exigente, quis verificar a tonalidade dos seus cabelos. Foi minha própria mulher quem marcou esses lenços. O senhor tem aí uma das mais belas

coisas que se têm feito”. Antes desse último lampejo de luz, eu teria acreditado em alguma coisa, teria dado atenção à palavra de uma mulher. Saí tendo fé no prazer, mas no que diz respeito ao amor, tornei-me ateu como um matemático.

### XIII – DEUS, O HORROR E AS DAMAS

— Dois meses depois, estava sentado junto à dama etérea, em seu *boudoir* no seu divã; segurava-lhe uma das mãos — tinha-as belíssimas —, e escalávamos os Alpes do sentimento, colhendo as mais belas flores, desfolhando margaridas (há sempre um momento em que desfolhamos margaridas, mesmo quando estamos num salão e não há margaridas)... No auge da ternura, e quando mais se ama, o amor tem tanta consciência da sua fugaz duração que sentimos um desejo invencível de perguntar: “Malmequer? Bem-me-quer? Pouco? Muito? Nada?”. Aproveitei esse instante elegíaco, tão tépido, tão florido, tão comunicativo, para fazê-la dizer suas mais belas mentiras, na linguagem encantadora desses exageros espirituais e dessa poesia gascã peculiares ao amor. Carlota revelou a fina flor de suas falsidades: não podia viver sem mim, eu era, para ela, o único homem no mundo, tinha medo de entediar-me, porque minha presença a privava de seu espírito; perto de mim, suas faculdades transformavam-se, todas, em amor; de resto, era demasiado terna para não ter temores; fazia seis meses que buscava um meio de prender-me eternamente a ela, e só Deus conhecia esse segredo; enfim, seu deus era eu...!

As mulheres que estavam ouvindo de Marsay mostraram-se ofendidas ao ver-se tão bem representadas, porquanto ele acompanhou aquelas palavras com gestos, atitudes de cabeça e requebros que completavam a ilusão.

### XIV – UMA CENA-MODELO

— No momento em que eu ia crer naquelas adoráveis mentiras, sempre com a sua mão direita presa na minha, disse-lhe: “Quando desposas o duque...?”. Essa estocada era tão direta, meu olhar fixava de tal modo o seu, e sua mão estava tão suavemente posta na minha, que seu estremecimento, por mais leve que fosse, não pôde ser completamente dissimulado; seu olhar não suportou o meu, e um leve rubor coloriu-lhe as faces. “O duque! Que queres dizer?”, respondeu fingindo um profundo espanto. “Sei tudo”, disse eu, “e na minha opinião não deves retardar o

enlace; ele é rico, é duque, mas é mais do que devoto, é religioso! Por isso, tenho certeza de que me tens sido fiel, graças aos escrúpulos dele. Não podes imaginar quanto é urgente para ti comprometê-lo perante si mesmo e perante Deus; sem isso nunca conseguirás.” “Estarei sonhando?”, disse ela, fazendo nos cabelos acima da fronte, quinze anos antes da Malibran, o tão famoso gesto da Malibran. “Ora, meu anjo, não te faças de inocente”, disse-lhe eu querendo tomar-lhe as mãos. Ela, porém, cruzou-as na cintura com um arzinho virtuoso e ofendido. “Despose-o, eu permito”, acrescentei, respondendo ao seu gesto com o tratamento cerimonioso dos salões. “E, digo mais, incito-a a isso.” “Mas”, disse ela, ajoelhando-se a meus pés, “deve haver algum horrível equívoco: só amo a ti neste mundo; podes pedir-me as provas que quiseses.” “Levante-se, minha querida, e faça-me o favor de ser franca.” “Como o sou com Deus.” “Duvida do meu amor?” “Não.” “Da minha fidelidade?” “Não.” “Pois bem! Cometi o maior dos crimes”, continuei, “suspeitei do seu amor e da sua fidelidade. Entre dois êxtases, pus-me a olhar tranquilamente em torno de mim.” “Tranquilamente!”, exclamou ela suspirando. “Basta, Henrique, você não me ama mais.” Como veem, já ela havia achado uma porta por onde escapar-se. Nessa espécie de cenas um advérbio é muito perigoso. Felizmente, porém, a curiosidade fê-la acrescentar: “E que viu? Falei alguma vez ao duque em outro lugar que não na sociedade? Surpreendeu em meus olhos...”. “Não”, disse eu, “mas nos dele. E a senhora fez-me ir oito vezes a Saint-Thomas-d’Aquin para vê-la assistir a mesma missa que ele.” “Ah!”, exclamou ela enfim, “então teve ciúmes!” “Oh! Eu bem quisera tê-los”, disse-lhe, admirando a flexibilidade daquela inteligência vivaz e as manobras de acrobata que só impressionam os cegos. “Mas, à força de ir à igreja, tornei-me incrédulo. No dia do meu primeiro resfriado e da sua primeira infidelidade, quando me julgava na cama, a senhora recebeu o duque e me disse que não vira ninguém.” “Sabe que seu procedimento é infame?” “Em quê? Acho que seu casamento com o duque é um negócio excelente; dá-lhe um belo nome, a única posição que lhe convém, uma situação brilhante, honrosa. Será uma das rainhas de Paris. Eu teria grandes culpas se criasse obstáculo a esse arranjo, a essa vida honrada, a essa soberba aliança. Ah, Carlota, algum dia me fará justiça, quando descobrir que meu caráter é diferente do dos outros rapazes... Ia ser obrigada a enganar-me... sim, ia ver-se muito embaraçada para romper comigo, porque ele a espiona. É tempo de nos separarmos; o duque é de uma virtude severa. É preciso que a senhora se torne virtuosa, é um conselho que lhe dou. O duque é vaidoso, terá

orgulho da sua mulher.” “Ah!”, disse-me ela desatando a chorar, “se tivesses falado, Henrique! Sim, se tivesses querido (eu é que tinha culpa, compreendem?), nós teríamos ido viver toda a nossa vida num cantinho, casados, felizes, aos olhos do mundo.” “Enfim, agora já é tarde demais”, disse eu, beijando-lhe as mãos e tomando um arzinho de vítima. “Meu Deus!”, disse ela. “Mas eu posso desmanchar tudo.” “Não, já foi muito longe com o duque. Devo mesmo fazer uma viagem para melhor firmar nossa separação. Ambos devemos temer o nosso amor...” “Julga que o duque tenha suspeitas, Henrique?” (Eu ainda era Henrique, mas perdera para sempre o *tu*.) “Não creio”, respondi, afetando os modos de um *amigo*, “mas seja completamente devota, reconcilie-se com Deus, pois o duque espera provas, está hesitante e é preciso decidi-lo.” Ela ergueu-se, fez duas vezes a volta do *boudoir* numa agitação verdadeira ou fingida, depois achou sem dúvida uma atitude e um olhar em harmonia com a nova situação, porquanto deteve-se diante de mim, estendeu-me a mão e disse-me com voz comovida: “Pois bem, Henrique, o senhor é um homem leal, nobre e encantador; jamais o esquecerei”. Foi de uma estratégia admirável. Mostrou-se encantadora nessa transição, necessária para a situação em que se queria colocar em relação a mim. Assumi a atitude, as maneiras e o olhar de um homem tão profundamente aflito, que vi afrouxar sua recente dignidade; olhou-me, segurou-me a mão, atraiu-me, quase me atirou, mas suavemente, em cima do divã e me disse depois de um momento de silêncio: “Estou profundamente triste, meu filho. Ama-me?”. “Oh! Sim!” “E, então, que vai ser de você?”

Nesse ponto todas as mulheres trocaram um olhar.

## XV – O SUBLIME NESSA ESPÉCIE DE POESIA

— Se ainda sofri ao lembrar-me de sua traição, rio-me hoje do ar de íntima convicção e de doce satisfação interior que tinha a dama, se não por minha morte, ao menos por uma eterna melancolia — disse de Marsay. — Oh! não riam por enquanto — objetou ele aos convivas. — Há coisa melhor. — Olhei-a muito apaixonadamente depois de uma pausa e disse-lhe: “Sim, foi justamente isso o que a mim mesmo perguntei”. “Pois bem! Que vai fazer?” “Fiz essa pergunta no dia seguinte ao meu resfriado.” “E...?”, perguntou ela com visível inquietação. “E tratei de pôr-me às boas com aquela mulherzinha a quem eu fingia cortejar.” Carlota endireitou-se sobre o divã como uma corça surpreendida, tremeu como uma folha,

dirigiu-me um desses olhares nos quais as mulheres esquecem toda a sua dignidade, todo o seu pudor, sua finura e até mesmo sua graça, o flamejante olhar da víbora perseguida, encurralada em seu canto, e disse: “E eu que o amava! Eu que lutava! Eu que...”. A terceira afirmação, que deixo para adivinharem, fez a mais bela suspensão que já ouvi. “Meu Deus!”, exclamou. “Como somos infelizes! Nunca podemos ser amadas. Para vocês não há nada de sério, nem nos mais puros sentimentos. Mas, não faz mal, pois mesmo quando vocês enganam, ainda são enganados por nós.” “Estou vendo”, disse eu com ar contrito. “As mulheres têm demasiado espírito na sua cólera para que seu coração sofra.” Esse modesto epigrama redobrou seu furor, fazendo-a chorar lágrimas de despeito. “Você me desonra o mundo e a vida”, disse ela, “rouba-me todas as ilusões, devasta-me o coração.” Disse-me tudo o que eu tinha direito de lhe dizer com uma impudência natural e uma temeridade ingênua que, certamente, teriam imobilizado outro homem qualquer que não eu. “Que será de nós, pobres mulheres, na sociedade que nos proporciona a Carta de Luís xviii...!” (Imagem até que ponto a tinha levado sua fraseologia!) “Sim, nascemos para sofrer. Em matéria de paixão, nós sempre estamos acima e vocês abaixo da lealdade! Vocês não têm nada de honesto no coração. Para vocês o amor é um jogo em que sempre trapaceiam.” “Querida”, disse-lhe eu, “levar qualquer coisa a sério na sociedade atual é o mesmo que amar platonicamente uma atriz.” “Que infame traição! E foi refletida...” “Não, razoável.” “Adeus, sr. de Marsay”, disse ela, “o senhor enganou-me miseravelmente...” “A senhora duquesa”, respondi tomando uma atitude submissa, “se lembrará das injúrias de Carlota?” “Naturalmente”, disse ela em tom amargo. “Assim, pois, detesta-me?” Inclinou a cabeça, o que me fez pensar: “Não está tudo perdido!”. Retirei-me de modo a lhe deixar crer que ela teria algum motivo de vingança.

## XVI – UM RASGO DE LUZ

— Pois bem, meus amigos, estudei muito a vida dos homens afortunados com as mulheres, mas não creio que nem o marechal de Richelieu, nem Lauzun, nem Luís de Valois tenham jamais feito, da primeira vez, uma retirada tão hábil. Quanto ao meu espírito e ao meu coração, eles se formaram naquele momento para sempre, e o domínio que eu, então, soube adquirir sobre os movimentos impensados que nos levam a cometer tantas asneiras, deu-me este

belo sangue-frio que conhecem.

— Quanto lamento a segunda! — disse a baronesa de Nucingen.

Um sorriso imperceptível, que aflorou aos pálidos lábios de de Marsay, fez corar Delfina de Nucingen.

— *Gomo a chente esquece!* — exclamou o barão de Nucingen.

A ingenuidade do célebre banqueiro alcançou tal êxito, que sua esposa, que fora essa *segunda* de de Marsay, não pôde deixar de rir com todos os demais.

## XVII – A VERDADE SOCIAL

— Estão todos aqui dispostos a condenar essa mulher — disse *lady* Dudley —; pois bem, eu compreendo como ela não considerava seu casamento uma inconstância! Os homens nunca querem estabelecer distinção entre a constância e a fidelidade. Conheço a dama cuja história o sr. de Marsay nos contou, e é uma das vossas últimas grandes damas...!

— Infelizmente, *milady*, a senhora tem razão — comentou de Marsay. — Dentro em pouco fará cinquenta anos que assistimos à ruína contínua de todas as distinções sociais; deveríamos ter salvo as mulheres desse grande naufrágio, mas o Código Civil passou-lhes por sobre as cabeças os seus artigos niveladores. Por mais terríveis que sejam estas palavras, é preciso dizê-las: as duquesas se vão, e também as marquesas! Quanto às baronesas — peço perdão à sra. de Nucingen, que será condessa quando seu marido for feito par da França —, as baronesas, dizia eu, nunca souberam fazer-se levar a sério.

— A aristocracia começa nas viscondessas — disse Blondet, sorrindo.

— Ficarão as condessas — continuou de Marsay. — Uma mulher elegante será mais ou menos condessa, condessa do Império ou de ontem, condessa de velha estirpe, ou, como dizem os italianos, condessa de polidez. Mas quanto à grande dama, essa morreu com a sociedade grandiosa do século passado, com o pó, com as moscas, com as pantufas de salto alto, com os corpetes arqueados, guarnecidos com um delta de laçada de fitas. As duquesas, hoje, passam pelas portas sem que haja necessidade de serem estas alargadas para as suas saias-balão. Enfim, o Império viu os últimos vestidos de cauda! Ainda estou por compreender como é que o soberano, que queria fazer varrer sua corte pelo cetim ou o veludo dos vestidos ducais, não estabeleceu, para certas famílias, o direito de primogenitura por leis indestrutíveis.

Napoleão não percebeu os efeitos desse Código de que tanto se orgulhava. Esse homem, ao criar suas duquesas, engendrava as nossas *femmes comme il faut*<sup>[413]</sup> de hoje, produto mediato de sua legislação.

## XVIII – OUTRA VERDADE

— O pensamento, usado como um martelo, quer pela criança que sai do colégio, quer pelo jornalista obscuro, demoliu a magnificência do Estado social — disse o conde de Vandenesse. — Hoje, qualquer tipo que pode manter a cabeça convenientemente acima do colarinho, cobrir seu amplo peito de homem com uma meia vara de cetim em forma de couraça, mostrar uma fronte onde brilha um talento apócrifo sob cabelos encaracolados, bambolear-se em cima de sapatos de verniz com meias de seda que custam seis francos, firma seu monóculo numa das suas arcadas orbitárias, franzindo a parte superior da face, e, se for praticante de advogado, filho de empreiteiro ou bastardo de banqueiro, encara impertinentemente a mais bela duquesa, avalia-a quando ela desce a escada de um teatro e diz ao amigo, que se veste na casa de Buisson, que nos veste a todos nós, e calça verniz como qualquer duque: “Aí está, meu caro, uma *femme comme il faut*”.

— Os senhores não souberam — disse *lord* Dudley — constituir um partido, daqui até a muito tempo não terão política. Os senhores falam muito, na França, em organizar o trabalho e ainda não organizaram a propriedade. Eis, pois, o que lhes acontece: um duque qualquer (ainda havia, no tempo de Luís xviii e de Carlos x, os que possuíam duzentas mil libras de renda, um palácio magnífico e uma criadagem suntuosa), esse duque podia viver como um grão-senhor. O último desses grão-senhores franceses é o príncipe de Talleyrand. Ele deixa quatro filhos, entre os quais duas mulheres. Admitindo-se muita sorte no modo por que os casou a todos, cada um desses herdeiros não dispõe senão de sessenta ou oitenta mil libras de renda hoje, cada um deles é pai ou mãe de vários filhos, e por consequência obrigado a viver num apartamento, no rés do chão ou no primeiro andar de uma casa, com a máxima economia; quem sabe mesmo se não anda em busca de uma fortuna? Acontece, portanto, que a mulher do primogênito, que só é duquesa no nome, não tem nem carruagem, nem criadagem, nem seu camarote, nem tempo disponível; não tem seus aposentos em seu palácio, nem sua fortuna, nem suas

bugigangas; ela está enterrada no casamento como uma mulher da rue Saint-Denis no seu comércio; ela própria compra as meias dos seus queridos filhinhos, amamenta-os e cuida das filhas, que não põe mais no convento. As mais nobres das vossas mulheres tornaram-se assim estimáveis chocadeiras.

## XIX – DA TRANSFORMAÇÃO DAS SOCIEDADES PELO ESTADO DAS MULHERES

— Infelizmente, é assim! — disse José Bridau. — Não há mais no nosso tempo essas belas flores femininas que ornaram os grandes séculos da monarquia francesa. Está partido o leque da grande dama. A mulher não tem mais por que corar, maldizer, sussurrar, esconder-se, mostrar-se. O leque serve-lhe apenas para se abanar. Quando uma coisa é apenas o que é, torna-se demasiado útil para fazer parte do luxo.

— Tudo na França tornou-se cúmplice da *femme comme il faut* — disse Daniel d'Arthez. — A aristocracia consentiu nisso com a sua retirada para os confins de suas propriedades rurais, onde foi esconder-se para morrer, emigrando para o interior diante das ideias, como antigamente para o estrangeiro diante das massas populares. As mulheres que podiam fundar salões europeus, dirigir a opinião, revirá-la como a uma luva, dominando o mundo pelo domínio dos homens de arte e de pensamento, que deviam dominar aquele, cometeram o erro de abandonar a liça, envergonhadas por terem de lutar com uma burguesia embriagada de poder e surgindo na cena do mundo para, talvez, fazer-se picar em pedaços pelos bárbaros que lhe vão no encalço. Por isso, onde os burgueses querem ver princesas, nada mais vemos do que jovens *femmes comme il faut*. Hoje os príncipes não encontram mais grandes damas a quem possam comprometer, nem sequer podem dar notoriedade a uma mulher escolhida ao acaso. O duque de Bourbon foi o último príncipe que usou desse privilégio.

— E só Deus sabe o que isso lhe custa! — disse *lord* Dudley.

— Hoje os príncipes têm esposas *comme il faut* que são obrigadas a pagar seus camarotes em sociedade com amigas, e que o favor real não poderia engrandecer de uma linha que fosse: que se esgueiram sem brilho entre as águas da burguesia e as da nobreza, nem completamente nobres, nem completamente burguesas — disse amargamente a marquesa de Rochefide.

— A imprensa herdou da mulher — exclamou Rastignac.

— A mulher não tem mais o mérito do folhetim falado, dos deliciosos mexericos ataviados de bela linguagem. Lemos folhetins escritos numa gíria que se transforma a cada três anos, lemos jornalecos divertidos como papa-defuntos e leves como o chumbo de seus tipos. As conversações francesas fazem-se em iroquês revolucionário de uma extremidade a outra da França, por longas colunas impressas em palácios onde range uma tipografia em vez dos círculos elegantes que outrora ali brilhavam.

— Está tocando o dobre de finados da alta sociedade, não ouvem? — disse um príncipe russo —, e a primeira badalada é essa vossa expressão moderna de *femme comme il faut*.

— Tem razão, meu príncipe — disse de Marsay. — Essa mulher, saída das fileiras da nobreza, ou erguida da burguesia, vinda de qualquer parte, mesmo da província, é a expressão do tempo atual, uma última imagem do bom gosto, do espírito, da graça e da distinção reunidas, mas diminuídas. Não veremos mais grandes damas na França, mas durante muito tempo haverá *femmes comme il faut*, mandadas pela opinião pública a uma alta câmara feminina, e que serão para o belo sexo o que é o *gentleman* na Inglaterra.

— E chamam a isso progresso! — disse a srta. des Touches. — Bem quisera eu saber onde está esse progresso.

— Ah! Aqui está ele — disse a sra. de Nucingen. — Antigamente uma mulher podia ter uma voz de peixeira, um caminhar de granadeiro, uma frente de cortesã audaciosa, com os cabelos eriçados para trás, o pé grande, a mão grossa, e mesmo assim era uma grande dama; mas hoje, fosse tal mulher uma Montmorency, se é que as srtas. Montmorency pudessem ter sido jamais assim, não seria uma *femme comme il faut*.

## XX - EMÍLIO BLONDET PROFESSA

— Mas, afinal, que vem a ser uma *femme comme il faut*? — perguntou o conde Adão Laginski.

— É uma criação moderna, um deplorável triunfo do sistema eletivo aplicado ao belo sexo — disse o ministro. — Cada revolução tem seu termo, termo em que ela se resume e que a retrata.

— Tem razão — disse o príncipe russo, que viera a Paris fazer reputação literária.  
— Explicar certas palavras acrescentadas de século em século à vossa bela língua seria fazer uma história magnífica. *Organizar*, por exemplo, é um termo do Império e que contém Napoleão de corpo inteiro.

— Mas nada disso explica o que vem a ser uma *femme comme il faut* — exclamou o jovem polonês com alguma impaciência.

— Pois vou explicar-lhe — respondeu Emílio Blondet ao conde Adão. — Por uma bela manhã o senhor flana pelas ruas de Paris. Já passa das duas, mas ainda não são cinco horas. Vê uma mulher encaminhar-se para o seu lado; o primeiro olhar que o senhor lhe dirige é como que o prefácio de um belo livro, faz-lhe pressentir um mundo de coisas elegantes e finas. Como um botânico que vai para montes e vales herborizando, por entre as vulgaridades parisienses o senhor acaba encontrando uma rara flor. Ou essa mulher está acompanhada por dois homens muito distintos, dos quais um pelo menos condecorado, ou então por um laçao sem libré, que a segue a dez passos de distância. Seu vestido não tem cores berrantes, suas meias não são transparentes, nem a fivela de seu cinto tem demasiados labores, nem tampouco traz calças de extremidades bordadas revolteando à roda dos tornozelos. Em seus pés nota coturnos debruados de seda, modelados sobre meias de algodão finíssimas ou sobre meias de seda cinzenta, ou senão borzeguins da mais deliciosa simplicidade. Uma fazenda bastante bonita e de preço medíocre chama a sua atenção para o vestido, cujo corte surpreende mais de uma burguesa; é quase sempre um casaco preso por laços e graciosamente rematado por um cordão ou filete imperceptível. A desconhecida tem um modo todo seu de se envolver num xale ou numa manta; sabe dispô-lo dos quadris ao pescoço, desenhando uma espécie de carapaça que transformaria uma burguesa em tartaruga, mas sob a qual ela deixa adivinhar as mais belas formas, embora velando-as. Por que meio? Esse segredo ela o guarda sem ser protegida por nenhuma patente de invenção. Ao caminhar faz certo movimento concêntrico e harmonioso que provoca, sob a fazenda, estremecimentos das suas formas suaves ou perigosas, como ao meio-dia a cobra sob a gaze verde da sua erva fremente. Será a um anjo ou a um diabo que ela deve essa ondulação graciosa que se processa sob a longa capa de seda preta, agitando as rendas na orla, difundindo um bálsamo aéreo, e que de bom grado denominarei a brisa da parisiense? Verá em seus braços, no busto, à roda do pescoço, uma ciência de pregas que dispõe com arte a mais rebelde fazenda, de

modo a lembrar-lhe a Mnemósine antiga. Ah! Como ela compreende, permita-me a expressão, “o corte do andar”. Examine bem esse modo de avançar o pé, moldando o vestido com uma tão decente precisão, que excita nos passantes uma admiração mesclada de desejo, mas refreada por um profundo respeito. Quando uma inglesa tenta dar esse passo, tem ares de um granadeiro que segue para a frente a fim de atacar um reduto. A mulher de Paris, o gênio da marcha. Por isso a municipalidade devia-lhe o asfalto das calçadas. Essa desconhecida não esbarra em ninguém. Para passar, ela espera com orgulhosa modéstia que lhe deem lugar. A distinção particular da mulher bem-educada revela-se sobretudo pelo modo por que ela mantém o xale ou o manto abrigando-lhe o peito. Ao caminhar conserva um arzinho digno e sereno, tal como as madonas de Rafael nos seus quadros. Sua atitude, ao mesmo tempo tranquila e desdenhosa, obriga o almofadinha mais insolente a lhe dar passagem. O chapéu, de simplicidade notável, tem fitas novas. Talvez tenha flores, mas as mais hábeis de entre essas mulheres têm apenas laços. A pluma exige carruagem, as flores chamam muito a atenção. Sob essa prenda poderá ver o rosto fresco e repousado de uma mulher segura de si mesma, sem fatuidade, que para nada olha e tudo vê, cuja vaidade, embotada por uma contínua satisfação, espalha por sua fisionomia uma indiferença que provoca a curiosidade. Ela sabe que a estudam, sabe que quase todos, mesmo as mulheres, se voltam para tornar a vê-la. Por isso ela atravessa Paris branca e pura como uma filandra.[\[421\]](#) Essa bela espécie prefere as latitudes mais tépidas, as longitudes mais próprias de Paris; há de encontrá-la entre a 10<sup>a</sup> e a 110<sup>a</sup> arcada da rue de Rivoli; sob a linha dos bulevares, desde o Equador dos Panoramas onde florescem as produções da Índia, onde se exibem as mais cálidas criações da indústria, até o cabo da Madeleine; nas regiões menos poluídas da burguesia, entre os números 30 e 150 da rue du Faubourg Saint-Honoré. Durante o inverno ela compraz-se no terraço dos Feuillants e nunca na calçada de asfalto que a margeia. Conforme o tempo que faz, ela voa pela alameda dos Champs-Élysées, limitada a leste pela praça Luís xv, a oeste pela avenue de Marigny, ao sul pela calçada, ao norte pelos jardins do Faubourg Saint-Honoré. Jamais encontrará essa linda variedade de mulher nas regiões hiperbóreas da rue Saint-Denis, jamais nas Kamtchatkas das ruas lamacentas pequenas ou comerciais; jamais em parte alguma nos dias de mau tempo. Essas flores de Paris, desabrochadas numa temperatura oriental, perfumam os passeios, e, depois das cinco horas, fecham-se como as volvuláceas. As mulheres

que verá mais tarde tendo um pouco o ar daquelas, tentando imitá-las, são *femmes comme il en faut*; ao passo que a bela desconhecida, a sua Beatriz da tarde, é a *femme comme il faut*. Para os estrangeiros, meu caro conde, não é fácil reconhecer as diferenças pelas quais os observadores eméritos as distinguem, de tão comediante que é a mulher, mas para os olhos de um parisiense são evidentes; ora são colchetes mal dissimulados, ora cordéis que deixam ver seu entrelaçamento de um branco ruço nas costas do vestido, por uma fenda entreaberta, ou sapatos arranhados, fitas de chapéu passadas a ferro, um vestido muito rodado, um porte muito rígido. Notará uma espécie de esforço no modo premeditado de baixar as pálpebras. Há afetação na atitude. Quanto à burguesa, é impossível confundi-la com a *femme comme il faut*; ela faz aquela sobressair admiravelmente, explica a sedução com que a desconhecida o envolveu. A burguesa está sempre apressada, sai, faça o tempo que fizer, trota, vai, vem, olha, não sabe se entrará ou se não entrará numa loja. Naquilo em que a *femme comme il faut* sabe exatamente o que quer e o que faz, a burguesa fica indecisa, arrepanha o vestido para atravessar um filete de água, arrasta com ela um filho que a obriga a observar os carros; é a mãe em público e conversa com a filha; tem dinheiro na sua bolsa e usa meias transparentes; no inverno usa um boá por cima do casaco de peles, do xale, e um agasalho no verão; a burguesa é mestra em pleonasmos de *toilette*. O senhor tornará a encontrar sua bela passeante nos Italiens, na Ópera, num baile. Apresenta-se então sob um aspecto tão diferente, que lhe parecerá tratar-se de duas criações sem analogia. A mulher despegou-se de suas vestes misteriosas como a borboleta de sua larva sedosa. Ela oferece-lhe aos olhos deliciados, como uma gulodice, as formas que pela manhã seu corpete apenas modelava. No teatro ela não vai além dos camarotes de segunda ordem, salvo nos Italiens. Poderá então estudar à vontade a sábia lentidão de seus movimentos. A adorável embusteira faz uso dos pequenos artifícios políticos da mulher com uma naturalidade que exclui qualquer ideia de arte ou de premeditação. Se ela tem uma mão regiamente bela, o mais esperto julgará que era absolutamente necessário que ela erguesse ou afastasse os *ringlets* ou cachos de seus cabelos que estava acariciando. Se tem algum esplendor no perfil, parecerá que diz ao vizinho coisas irônicas ou graciosas, colocando-se de modo a produzir esse efeito mágico de perfil perdido, de que tanto gostam os grandes pintores, o qual atrai a luz para a face, desenha o nariz com uma linha nítida, ilumina o rosado das narinas, destaca a fronte de modo preciso, deixa ao olhar suas cintilações

chamejantes, dirigidas, porém, para o vago, e marca com um traço de luz o alvo arredondado do mento. Se tem um bonito pé, atirar-se-á sobre um divã com o coquetismo de uma gata ao sol com os pés para a frente, sem que se possa achar na sua atitude outra coisa que não o mais delicioso modelo dado pela lassidão à estatuária. Ninguém como a *femme comme il faut* para se achar à vontade na sua *toilette*; nada a constrange. Jamais será surpreendida, como a burguesa, a sungar uma ombreira recalcitrante, a fazer baixar uma barbatana insubordinada do espartilho, a olhar se o corpete está cumprindo seu ofício de guardião infiel dos dois tesouros deslumbrantes de alvura, a se olhar nos espelhos para ver se o penteado se mantém nas suas posições. Sua *toilette* está sempre em harmonia com o seu caráter; ela teve tempo de estudar-se, de escolher o que lhe senta, porque conhece de há muito o que não lhe senta. Nunca é vista na saída; desaparece antes do fim do espetáculo. Se por acaso ela se mostra calma e nobre nos degraus da escada, passa nesse momento por sentimentos violentos. É que está ali por ordem, tem de dar algum olhar, de receber alguma promessa. Talvez desça assim lentamente para satisfazer a vaidade de um escravo ao qual, por vezes, obedece. Se o senhor a encontra num baile ou numa recepção, recolherá o mel afetado ou natural de sua voz ardilosa; ficará encantado com suas palavras ocas, mas às quais ela saberá dar o valor do pensamento por um manejo inimitável.

## XXI – PERGUNTAS INCIDENTES

— Para ser *femme comme il faut* não é necessário ter espírito? — perguntou o conde polonês.

— É impossível sê-lo sem ter muito bom gosto — respondeu a sra. d'Espard.

— E, na França, ter bom gosto é ter mais do que espírito — disse o russo.

— O espírito de tal mulher é o triunfo de uma arte toda plástica — replicou Blondet. — O senhor não saberá o que ela diz, mas ficará encantado. Ela terá meneado a cabeça, ou dado gentilmente de ombros, terá dourado uma frase insignificante com o sorriso de um pequeno trejeito encantador, ou terá posto o epigrama de Voltaire num *hein!* num *ah!* ou num *como não!* Um gesto de cabeça será a mais ativa interrogação; dará significação ao movimento com que faz girar o minúsculo recipiente de perfume preso ao dedo por um anel. São grandezas artificiais obtidas por pequenezes superlativas: ela deixa cair nobremente a mão

amparando-a no braço da poltrona, como gotas de orvalho das pétalas de uma flor, e nada mais precisa dizer; proferiu uma sentença inapelável capaz de comover o ser mais insensível. Soube ouvi-lo, proporcionou-lhe a oportunidade de ser espirituoso. E apelo para sua modéstia, são raros esses momentos.

O ar cândido do jovem polonês a quem Blondet se dirigia fez todos os convivas desatarem a rir.

— O senhor não conversa uma meia hora com uma burguesa sem que ela ponha o marido em cena, sob um pretexto qualquer — continuou Blondet, que nada perdeu de sua gravidade —; mas se o senhor sabe que a *femme comme il faut* com quem está conversando é casada, ela terá tido a delicadeza de dissimular tão bem o marido, que o amigo terá necessidade de um trabalho de Cristóvão Colombo para descobri-lo. Muitas vezes não o conseguirá sozinho. Se não pôde interrogar ninguém, no fim da recepção irá surpreendê-la a olhar fixamente para um homem de idade incerta, condecorado, que baixa a cabeça e sai. Ela pediu o carro e parte. O senhor não é o eleito, mas esteve junto dela e vai deitar-se sob os lambris dourados de um delicioso sonho que continuará, talvez, quando o sono, com seu pesado dedo, tiver aberto a porta de marfim do templo das fantasias. Uma *femme comme il faut* em sua casa nunca é visível antes das quatro horas, quando recebe. É bastante sabida para sempre fazê-lo esperar. Em casa dela tudo parecerá ao senhor de bom gosto; o luxo é contínuo e se renova oportunamente; não verá nada sob cúpula de vidro, nem os retalhos de nenhum envoltório suspenso como um guarda-comida. Sentirá calor na escada. Flores por todos os lados lhe alegrarão os olhos; flores são o único presente que ela aceita, e somente de algumas pessoas; os buquês vivem apenas um dia, dão prazer e têm de ser renovados; para ela, eles são, como no Oriente, um símbolo, uma promessa. As valiosas bagatelas de moda são expostas, mas sem pretensões a museu nem a loja de curiosidades. O senhor a surpreenderá ao lado da sua lareira, sentada na sua conversadeira de onde ela o saudará sem levantar-se. Sua palestra não será mais a do baile. Lá ela era nossa credora, em sua casa seu espírito deve-nos prazeres. Essas nuances, a *femme comme il faut* possui-as de modo maravilhoso. Ela aprecia no senhor um homem que vai engrossar sua roda, e isso é o objeto dos cuidados e das inquietações que preocupam as *femmes comme il faut*. Por isso, para fixá-lo em seu salão ela será de um coquetismo encantador. Por aí sentirá sobretudo quanto as mulheres, hoje, estão isoladas, razão pela qual querem ter um pequeno círculo a que servem de constelação. A

conversação é impossível sem generalidades.

— Sim — disse de Marsay —, tu percebeste bem a falha da nossa época. O epigrama, esse livro numa palavra, não cai mais, como no século xviii, nem sobre as pessoas nem sobre as coisas, mas sobre acontecimentos mesquinhos, e morre com o dia.

— E, por isso, o espírito da *femme comme il faut*, quando ela o tem — tornou Blondet —, consiste em duvidar de tudo, como o da burguesa lhe serve para afirmar tudo. É nisso que está a grande diferença entre essas duas mulheres: a burguesa, indiscutivelmente, é virtuosa; a *femme comme il faut* não sabe se ainda o é, ou se o será sempre; ela hesita e resiste nas situações em que a outra recusa peremptoriamente para cair de chofre. Essa hesitação em tudo é uma das últimas graças que nossa horrível época lhe deixa. Raramente vai à Igreja, mas falará sobre religião e procurará convertê-lo se o senhor tiver o bom gosto de se fazer de espírito forte, porquanto, assim, abrirá uma saída para as frases estereotipadas, para as atitudes de cabeça e para os gestos convencionais entre todas essas mulheres: “Ah, que horror! Eu julgava-o com demasiado espírito para atacar a religião! A sociedade se esboroa e o senhor quer tirar-lhe seu sustentáculo. Mas a religião, neste momento, é o senhor, sou eu, é a propriedade, é o futuro de nossos filhos! Ah, não sejamos egoístas! O individualismo é a doença da época e a religião é o seu único remédio, ela une as famílias que as vossas leis desunem etc.”. Inicia então um discurso neocristão polvilhado de ideias políticas, que não é nem católico nem protestante, mas moral, oh, diabolicamente moral, no qual o senhor reconhecerá um pedaço de cada pano tecido pelas doutrinas modernas que se digladiam.

As mulheres não puderam deixar de rir dos requebros com que Blondet ilustrava seus sarcasmos.

## XXII – BLONDET RESUME-SE

— Tudo isso, meu caro conde Adão — disse Blondet olhando para o polonês —, lhe demonstrará que a *femme comme il faut* não representa menos a mixórdia intelectual do que a mixórdia política, da mesma forma por que ela está cercada dos brilhantes e pouco sólidos produtos de uma indústria que pensa, incessantemente, em destruir suas obras para substituí-las. O senhor sairá da casa dela dizendo a si mesmo: “Não há dúvida, ela tem ideias elevadas!”. Ser-lhe-á tanto mais fácil

acreditar nisso, por ter ela sondado seu coração e seu espírito com mão delicada e por ter pedido que lhe conte seus segredos; porque a *femme comme il faut* finge ignorar tudo para vir a saber de tudo; há coisas que ela nunca sabe mesmo quando as sabe. Somente o senhor é que ficará inquieto e ignorará o estado do coração dela. Antigamente a grande dama amava com cartazes, jornal na mão e anúncios; hoje a *femme comme il faut* tem sua pequena paixão pautada como papel de música, com suas colcheias, mínimas, semínimas, suas pausas, suas suspensões, seus sustenidos. Fraca, ela não quer comprometer nem seu amor, nem seu marido, nem o futuro dos filhos. Hoje, o nome, a posição e a fortuna não são mais pavilhões suficientemente respeitadas para garantir a bordo todas as mercadorias. A aristocracia em bloco não avança mais para servir de anteparo a uma mulher que errou. Esta não tem, pois, como a grande dama de antigamente, decisão para lutas bravias, nada pode quebrar sob seu pé; ela, sim, é que seria quebrada. Por isso é ela a mulher dos jesuíticos *mezzo termine*, dos mais equívocos compromissos para defesa das aparências, das paixões anônimas guiadas por entre duas margens rochosas. Ela teme os criados como uma inglesa que tem sempre em perspectiva um processo por adultério. Essa mulher tão livre no baile, tão linda no passeio, é escrava em casa; só tem independência a portas fechadas, ou nas ideias. Quer conservar-se *femme comme il faut*. Eis o seu problema. Ora, hoje, a mulher separada do marido, reduzida a uma magra pensão, sem carruagens, nem luxo, nem camarote, sem os divinos acessórios da *toilette*, não é mais nem mulher, nem cortesã, nem burguesa; dissolve-se e torna-se coisa. As carmelitas não querem mulher casada, pois haveria bigamia; o amante dela a quererá sempre? Essa é a questão. A *femme comme il faut* pode dar lugar, talvez, à calúnia, jamais à maledicência.

— Tudo isso é horripelantemente verdadeiro — disse a princesa de Cadignan.

— Por esse motivo — volveu Blondet — a *femme comme il faut* vive entre a hipocrisia inglesa e a graciosa franqueza do século xviii; sistema bastardo que revela uma época em que nada do que acontece assemelha-se ao que se vai, em que as transições não conduzem a nada, onde não há senão nuances, em que as grandes figuras se apagam, em que as distinções são puramente pessoais. Na minha opinião, é impossível que uma mulher, embora nascida nas proximidades do trono, adquira antes dos vinte e cinco anos a ciência enciclopédica dos nada, o conhecimento dos ardis, as grandes pequenas coisas, as músicas da voz e as harmonias das cores, as

diabruras angélicas e as inocentes perversidades, a linguagem e o mutismo, a seriedade e a zombaria, o espírito e a tolice, a diplomacia e a ignorância, que constituem a *femme comme il faut*.

— De acordo com o programa que acaba de traçar-nos — disse a srta. des Touches a Emílio Blondet —, em que categoria classifica o senhor a mulher escritora? É ela uma *femme comme il faut*?

### XXIII – EM QUE CANALIS BRILHA

— Quando não tem gênio é uma *femme comme il n'en faut pas*. — respondeu ele, acompanhando a resposta com um olhar sutil que podia passar por um elogio francamente dirigido a Camille Maupin. — Essa opinião não é minha, mas de Napoleão — acrescentou.

— Não queira mal por isso a Napoleão — disse Canalis com um gesto enfático —, foi uma das suas pequenezes, a de ter ciúme do gênio literário, pois é certo que teve pequenezes. Quem poderá jamais explicar, pintar ou compreender Napoleão? Um homem que representam de braços cruzados e que fez tudo! Que foi o mais belo poder conhecido, o poder mais concentrado, o mais incisivo, o mais ácido de todos os poderes; gênio singular que passeou por toda parte a civilização armada sem fixá-la em parte nenhuma; um homem que podia fazer tudo, porque tudo queria; fenômeno prodigioso da vontade, domando uma doença por uma batalha, e que devia entretanto morrer de doença numa cama depois de ter vivido no meio das balas e dos obuses; um homem que tinha na cabeça um código e uma espada, a palavra e a ação; espírito perspicaz que tudo adivinhou, exceto sua queda; político estranho que por economia jogava homens aos punhados, e que respeitou três cabeças, as de Talleyrand, de Pozzo di Borgo e de Metternich, diplomatas cuja morte teria salvado o Império francês, e que lhe pareciam pesar mais do que milhares de soldados; homem ao qual, por um raro privilégio, a natureza deixara um coração no seu corpo de bronze; homem galhofeiro e bom à meia-noite entre mulheres, e de manhã a manejar a Europa, como uma rapariga que se divertisse fustigando a água de seu banho! Hipócrita e generoso, gostando do falso brilho e simples, sem gosto e protegendo as artes; e, não obstante essas antíteses, grande em tudo por instinto ou por organização; César aos vinte e cinco anos, Cromwell aos trinta; depois, como um merceeiro do Père Lachaise, bom pai e bom

esposo. Enfim, improvisou monumentos, impérios, reis, códigos, versos, um romance, e tudo isso com mais alcance do que exatidão. Não quis ele fazer da Europa a França? E, depois de nos ter feito pesar sobre a terra de modo a modificar as leis da gravitação, deixou-nos mais pobres do que no dia em que pôs a mão sobre nós. E ele, que fizera um império com o seu nome, perdeu o nome à beira do seu império, num mar de sangue e de soldados. Homem que, sendo todo ele pensamento e ação, compreendia Desaix e Fouché!

— Todo arbitrariedade e todo justiça com oportunidade, o verdadeiro rei! — disse de Marsay.

#### XXIV – OS CONTOS ATRAEM-SE

— Ah, *como é pom dicherir oufindo os zenhorres!* — disse o barão de Nucingen.

— Pensa acaso que é vulgar o que lhe estamos servindo? — disse José Bridau. — Se fosse preciso pagar os prazeres da conversação como o senhor paga os da dança ou os da música, sua fortuna seria pouca! Não há duas representações para um mesmo rasgo de espírito.

— Estaremos nós tão realmente diminuídas como o julgam esses senhores? — disse a princesa de Cadignan, dirigindo às mulheres um sorriso em que havia ao mesmo tempo dúvida e zombaria. — Pelo fato de hoje, sob um regime que tudo empequenece, gostarem de pratinhos, de apartamentozinhos, de quadrinhos, de amiguinhos, de jornaizinhos, de livrinhos, deve-se concluir que as mulheres são, também, menos grandes? Por que mudaria o coração humano por mudarem os senhores de vestes? Em todos os tempos as paixões serão as mesmas. Conheço dedicações admiráveis, sofrimentos sublimes aos quais tem faltado a publicidade, a glória, se quiserem, que antigamente ilustrava os erros de algumas mulheres. Mas pelo fato de não se ter salvado um rei de França nem por isso se é menos uma Agnès Sorel. Creem os senhores que a nossa querida marquesa d'Espard não valha tanto quanto a sra. Daublet, ou a sra. du Deffant, em cuja casa se dizia e se fazia tanto mal? Taglioni não vale tanto quanto Camargo? Malibran não é igual a Saint-Huberty? Não são nossos poetas superiores aos do século xviii? Se, neste momento, por culpa dos merceeiros que nos governam, não temos características nossas, não teve o Império sua feição própria da mesma forma que o século de Luís xv, e seu esplendor não foi fabuloso? Perderam as

ciências alguma coisa?

— Sou da sua opinião, minha senhora; as mulheres desta época são verdadeiramente grandes — respondeu o general de Montriveau. — Quando vier para nós a posteridade, não terá madame Récamier proporções tão grandes quanto as das mais belas mulheres dos tempos passados? Teremos feito tanta história que escassearão os historiadores! O século de Luís XIV teve apenas uma madame de Sévigné; hoje, em Paris, temos milhares que com certeza escrevem melhor do que ela e que não publicam suas cartas. Chame-se a mulher francesa *femme comme il faut* ou “grande dama”, será sempre a mulher por excelência. Emílio Blondet deu-nos um quadro dos atrativos da mulher de hoje; mas, em caso de necessidade, essa mulher que se requebra, que se pavoneia; que recita as ideias dos senhores tal ou tal, poderia ser heroica! E, digamo-lo, os erros das senhoras são tanto mais poéticos porquanto, sempre e em qualquer tempo, serão cercados dos maiores perigos. Vi muito o mundo, observei-o, talvez, demasiado tarde; mas, nas circunstâncias em que a ilegalidade dos seus sentimentos podia ser desculpada, sempre notei os efeitos de não sei que acaso, que poderão chamar de Providência, esmagando fatalmente aquelas que denominamos mulheres levianas.

— Quero crer — disse a sra. de Vandenesse — que podemos ser grandes de outra forma...

— Oh, deixe o marquês de Montriveau pregar-nos um sermão! — exclamou a sra. d’Espard.

— Tanto mais que ele já pregou muito, com o seu exemplo — disse a baronesa de Nucingen.

— Pois, com franqueza — disse o general de Montriveau —, entre todos os dramas, já que os senhores se servem muito desse termo — olhou para Blondet —, em que o dedo de Deus se mostrou, o mais espantoso de quantos vi foi quase que obra minha...

— Conte-nos isso — exclamou *lady* Barimore. — Gosto tanto de sentir medo!

— É um gosto de mulher virtuosa — replicou de Marsay, olhando para a encantadora filha de *lord* Dudley.

— Durante a campanha de 1812 — disse então o general de Montriveau — fui causa involuntária de uma desgraça atroz que poderá servir, dr. Bianchon — acrescentou ele, olhando-me —, ao senhor que tanto se ocupa com o espírito humano ao mesmo tempo que com o corpo, a fim de resolver alguns dos seus problemas sobre a vontade. Era a minha segunda campanha; eu gostava do perigo e ria de tudo, como um jovem e simples tenente que era! Quando chegamos ao Berezina, o exército, como devem saber, não tinha mais disciplina, nem se lembrava mais da obediência militar. Era uma corja de homens de todas as nações que vinha instintivamente do Norte para o Sul. Os soldados expulsavam da beira dos seus fogos um general esfarrapado e de pés descalços, quando ele não lhes trazia nem lenha nem víveres. Depois da passagem desse famoso rio, não foi menor a desordem. Eu saía tranquilamente sozinho e sem víveres dos pântanos de Zemin, e ia em busca de uma casa onde estivessem dispostos a receber-me. Não a achando, ou corrido das que encontrava, entrevi, felizmente, já ao entardecer, uma tosca e pequena herdade da Polônia, da qual nada lhes poderia dar uma ideia, a menos que tivessem visto as casas de madeira da baixa Normandia ou as mais pobres granjas da Beauce. Essas habitações constam de um único quarto dividido numa das extremidades por um tabique, servindo a parte menor de depósito de forragem. A obscuridade do crepúsculo permitiu-me ver de longe uma leve fumaça que subia da casa. Na esperança de lá encontrar camaradas mais compassivos do que aqueles a quem até então me dirigira, caminhei corajosamente até a herdade. Ao entrar, encontrei a mesa posta. Vários oficiais, entre os quais se achava uma mulher, espetáculo bastante comum, comiam batatas, carne de cavalo assada nas brasas e beterrabas geladas. Reconheci entre os convivas dois ou três capitães de artilharia do primeiro regimento em que servi. Fui acolhido com um hurra de aclamações que muito me teriam espantado do outro lado do Berezina; naquele momento, porém, o frio era menos intenso, meus camaradas descansavam, estavam no quente, comiam, e a sala junto da de feixes de palha oferecia-lhes a perspectiva de uma noite de delícias. Naquele tempo não pedíamos tanto. Os camaradas podiam ser filantropos grátis, um dos modos mais comuns, aliás, de ser filantropo. Pus-me a comer, sentado num monte de forragem. Na ponta da mesa, do lado da porta que comunicava com a pequena peça cheia de palha e de pasto, estava o meu antigo coronel, um dos homens mais extraordinários que já encontrei em todo o bando de criaturas que me foi dado ver. Era italiano. Ora, todas as vezes em que a natureza

humana é bela nas regiões meridionais, torna-se então sublime. Não sei se já notaram a singular alvura dos italianos quando são claros... É magnífica, sobretudo à luz. Quando li o fantástico retrato que Charles Nodier nos pintou do coronel Oudet, encontrei minhas próprias sensações em cada uma de suas elegantes frases. Italiano como a maioria dos oficiais que faziam parte de seu regimento, que, aliás, fora tomado por empréstimo do exército de Eugênio pelo imperador, meu coronel era um homem de elevada estatura; tinha seguramente uns seis pés e oito ou nove polegadas, era admiravelmente proporcionado, um pouco gordo, talvez, mas de um vigor prodigioso, e ágil, talhado como um lebreiro. Os cabelos pretos, profusamente encaracolados, faziam sobressair sua tez alva como a de uma mulher; tinha mãos pequenas, bonitos pés, a boca graciosa, o nariz aquilino de linhas finas e cuja ponta se afilava naturalmente e embranquecia quando ele se encolerizava, o que acontecia com frequência. Sua irascibilidade ultrapassava de tal forma o crível, que nada lhes direi a respeito; de resto o irão julgar. Ninguém perto dele ficava tranquilo. Talvez fosse eu o único a não temê-lo; é verdade que se afeiçoara de tal forma a mim, que tudo o que eu fazia ele achava bem. Quando o dominava a cólera, sua fronte enrugava-se, e os músculos desenhavam-lhe no meio da testa um delta, ou melhor, a ferradura de Redgauntlet. Esse sinal aterrorizava mais ainda do que os relâmpagos magnéticos de seus olhos azuis. Então todo o seu corpo estremecia, e a sua força, já normalmente tão grande, quase não tinha mais limites. Reforçava muito os *rr*. Sua voz, tão potente pelo menos como a do Oudet de Charles Nodier, punha uma incrível riqueza de som na sílaba ou na consoante sobre a qual recaía aquela acentuação do *r*. Se esse vício de pronúncia era nele gracioso em certos momentos, não podem imaginar quanto poder exprimia tal acentuação, tão vulgar em Paris, quando ele comandava a manobra ou se emocionava. Só mesmo ouvindo-o. Quando o coronel estava sossegado, seus olhos azuis eram de uma doçura angelical e sua fronte pura tinha uma expressão cheia de encanto. Numa parada, no exército da Itália, nenhum homem podia competir com ele. Enfim, o próprio d'Orsay, o belo d'Orsay, foi vencido pelo nosso coronel por ocasião da última revista passada por Napoleão antes de entrar na Rússia. Tudo nesse homem privilegiado era contraste. A paixão vive pelos contrastes. Por isso não me perguntem se ele exercia sobre as mulheres essas irresistíveis influências a que nossa natureza (o general olhava para a princesa de Cadignan) se amolda como a matéria vitrificável sob a cânula do

assoprador; mas, por uma fatalidade singular — um observador se aperceberia, talvez, desse fenômeno —, o coronel tinha poucas aventuras amorosas, ou se despreocupava de tê-las. Para lhes dar uma ideia de sua violência, vou dizer-lhes em duas palavras o que o vi fazer num paroxismo de cólera. Íamos subindo com os nossos canhões por um caminho muito estreito, limitado de um lado por uma barranca bastante alta, e do outro por matas. No meio do caminho encontramos com um outro regimento de artilharia, a cuja frente marchava seu coronel. Esse coronel quis fazer recuar o capitão do nosso regimento que se achava à frente da primeira bateria. Como era natural, nosso capitão negou-se a isso; mas o coronel fez sinal à sua primeira bateria para avançar, e, apesar do cuidado com que o condutor se atirou contra o bosque, a roda do primeiro canhão alcançou a perna direita do nosso capitão, e quebrou-lha por completo, derrubando-o do outro lado do cavalo. Tudo isso foi coisa de um momento. O nosso coronel, que se achava não muito longe, adivinhou a querela, correu a todo galope passando por entre as peças e as árvores, com risco de ser cuspidado da sela, e chegou ao local da cena diante do outro coronel no momento em que o nosso capitão bradava: “Ai de mim...!” ao cair. Não, nosso coronel italiano não era mais um homem...! Uma espuma semelhante à do vinho de Champagne fervia-lhe na boca e ele rugia como um leão. Sem poder proferir uma palavra, nem sequer um grito, fez um sinal espantoso ao seu antagonista, mostrando-lhe o bosque e desembainhando o sabre. Os dois coronéis entraram no mato. Em dois segundos vimos o adversário do nosso coronel por terra, com a cabeça fendida ao meio. Os soldados daquele regimento recuaram, com os diabos — se recuaram! —, e bem depressa! Esse capitão, que quase mataram, e que gemia na lama onde a roda do canhão o atirara, era casado com uma encantadora italiana de Messina, que não era indiferente ao nosso coronel. Essa circunstância aumentara-lhe o furor. Sua proteção era devida àquele marido, tinha de defendê-lo como à própria mulher. Ora, na cabana do outro lado do Zemin, onde recebi tão bom acolhimento, aquele capitão achava-se em frente a mim e a esposa dele estava na outra ponta da mesa, em frente ao coronel. Essa messinesa era uma mulherzinha chamada Rosina, muito morena, mas em cujos olhos negros e rasgados em forma de amêndoa luziam os ardores do sol da Sicília. Estava naquele momento num estado deplorável de magreza; tinha as faces recobertas de poeira como uma fruta exposta à intempérie das estradas reais. Simplesmente coberta de farrapos, cansada das marchas, os cabelos em desalinho e colados uns aos outros,

sob um pedaço de xale atado em forma de touca, ainda assim via-se nela a mulher; seus movimentos eram bonitos; a boca rósea, graciosamente irregular, os dentes brancos, as feições de seu rosto, seu colo — atrativos que a miséria, o frio e a incúria não haviam inteiramente desnaturado — falavam ainda de amor a quem pudesse pensar em mulheres. Rosina, de resto, apresentava uma dessas naturezas delicadas na aparência, porém nervosas e cheias de vigor. O rosto do marido, gentil-homem piemontês, revelava uma bonomia zombeteira, se é que essas duas palavras podem ir juntas. Valente e instruído, parecia ignorar os laços que existiam entre a esposa e o coronel, fazia mais ou menos três anos. Eu atribuía esse pouco-caso aos costumes italianos ou a algum segredo conjugal; havia, porém, na fisionomia daquele homem um traço que me inspirara sempre uma desconfiança involuntária. Seu lábio inferior, delgado e muito móvel, abaixava-se nas duas extremidades, ao invés de se erguer, coisa que me parecia trair um fundo de crueldade naquele caráter aparentemente fleumático e preguiçoso. Bem podem imaginar que a conversação não era muito brilhante quando cheguei. Meus camaradas, cansados, comiam em silêncio, e, naturalmente, me fizeram algumas perguntas; contamo-nos uns aos outros nossas desgraças entremeando-as de comentários a respeito da campanha, dos generais, dos seus erros, dos russos e do frio. Um momento depois da minha chegada, o coronel, tendo terminado sua frugal refeição, limpou os bigodes, deu-nos boa-noite, dirigiu à italiana seu olhar sombrio e disse-lhe: “Rosina...?”. Depois, sem esperar resposta, foi deitar-se no pequeno palheiro. O sentido da interpelação do coronel era fácil de perceber. Por isso a jovem senhora deixou escapar um gesto indescritível que pintava, ao mesmo tempo, sua contrariedade por ver sua dependência evidenciada sem nenhum respeito humano, e a ofensa feita à sua dignidade de mulher, ou ao seu marido; mas houve ainda, na crispação das linhas de seu rosto e no franzir violento de suas sobranceiras, uma espécie de pressentimento; teve talvez a previsão de seu destino. Rosina permaneceu tranquilamente à mesa. Um instante depois, provavelmente, quando o coronel já se havia deitado na sua cama de feno ou de palha, ele repetiu: “Rosina...?”. O tom desse segundo apelo foi ainda mais brutalmente interrogativo do que o outro. A acentuação do *r* do coronel e a extensão que a língua italiana permite dar às vogais e aos finais pintaram todo o despotismo, a impaciência e a vontade daquele homem. Rosina empalideceu, mas levantou-se, passou por trás de nós e foi ter com o coronel. Todos os meus camaradas mantiveram um silêncio profundo; eu, porém,

infelizmente, pus-me a rir depois de os ter olhado a todos, e meu riso repetiu-se de boca em boca. “*Tu ridi?*”, disse o marido. “Com franqueza, camarada”, respondi-lhe depois de ter ficado sério, “confesso que andei mal, e te peço mil perdões; mas se não estás satisfeito com as desculpas que te apresento, estou pronto a me pôr às tuas ordens...” “Não, não foste tu que andaste mal, e sim eu!”, replicou friamente. E, com isso, nos deitamos na sala; pouco depois dormíamos a sono solto. No dia seguinte, cada um de nós, sem acordar o vizinho, sem procurar um companheiro de viagem, pôs-se a caminho de acordo com sua fantasia, com essa espécie de egoísmo que fez da nossa derrota um dos mais terríveis dramas de personalidade, de tristeza e de horror, que jamais tenha havido sob o céu. Entretanto, a setecentos ou oitocentos passos da nossa pousada, encontramos quase todos, e seguimos juntos, como gansos conduzidos em bando pelo despotismo cego de uma criança. Impelia-nos uma mesma necessidade. Chegados a um outeiro de onde se podia ainda avistar a herdade onde passáramos a noite, ouvimos gritos que se assemelhavam ao rugido dos leões do deserto, ao mugido dos touros; mas, não, aquele clamor não se podia comparar a nada conhecido. Não obstante, distinguimos um débil grito de mulher, misturado àquele horrível e sinistro estertor. Viramo-nos todos, tomados de não sei que sentimento de pavor; não vimos mais a casa, e sim uma vasta fogueira. A habitação, que fora trancada, estava toda em chamas. Turbilhões de fumaça, levados pelo vento, traziam-nos não somente sons roucos como também não sei que cheiro forte. A poucos passos de nós caminhava o capitão, que se vinha tranquilamente juntar à nossa caravana; todos nós o contemplamos em silêncio, pois que nenhum se animou a interrogá-lo; ele, porém, percebendo nossa curiosidade, apontou com o indicador da mão direita o próprio peito, e, com a esquerda mostrando o incêndio, disse: “*Son’io!*”. . . . Continuamos a marcha sem lhe fazer uma única observação.

## XXVI – CONCLUSÃO OU CONFUSÃO

— Nada é tão horrível como a revolta de um carneiro — disse de Marsay.

— Seria terrível deixar-nos ir com essa horrível imagem na memória — disse a sra. de Pottenduère. — Vou sonhar com ela...

— E qual será o castigo da primeira do sr. de Marsay? — perguntou lorde Dudley sorrindo.

— Quando os ingleses gracejam — disse Blondet —, seus floretes estão embotados.

— O sr. Bianchon não-lo pode dizer — respondeu de Marsay dirigindo-se a mim —, pois que a viu morrer.

— Sim — disse eu —, e sua morte é uma das mais belas que conheço. O duque e eu tínhamos passado a noite à cabeceira da moribunda, cuja pneumonia, chegada ao último grau, não deixava mais esperanças. Fora sacramentada na véspera. O duque adormecera. A senhora duquesa, tendo despertado cerca das quatro horas da manhã, fez-me, do modo mais comovente e sorrindo, um sinal amistoso para dizer-me que o deixasse dormir, e, entretanto, ela ia morrer! Chegara a um extraordinário estado de magreza, mas o rosto conservava suas linhas e suas formas verdadeiramente sublimes. Sua palidez fazia com que sua pele se assemelhasse a uma porcelana por trás da qual houvesse uma luz. Seus olhos vivos e suas cores realçavam-se sobre aquela tez impregnada de macia elegância, e sua fisionomia respirava uma tranquilidade imponente. Parecia lamentar o duque, e esse sentimento originava-se de uma ternura elevada que parecia não ter mais limites nas proximidades da morte. O silêncio era profundo. O quarto, suavemente iluminado por uma lâmpada, tinha o aspecto de todos os quartos de doentes no momento da morte. Nesse instante o relógio deu horas. O duque despertou e ficou desesperado por ter dormido. Não vi o gesto de impaciência pelo qual ele mostrou o pesar que sentira por ter perdido a esposa de vista durante um dos últimos momentos que lhe eram concedidos; mas é certo que uma outra pessoa que não a moribunda poderia ter se equivocado. Homem de Estado, preocupado com os interesses da França, o duque tinha dessas mil singularidades aparentes que fazem com que se considerem os homens de gênio como loucos, mas cuja explicação se acha na natureza delicada e nas exigências de seus espíritos. Foi sentar-se numa poltrona junto ao leito da esposa e olhou-a fixamente. A moribunda estendeu um pouco a mão, tomou a do marido, apertou-a debilmente, e com voz doce, mas emocionada, disse-lhe: “Meu pobre amigo, quem te compreenderá agora?”. E morreu contemplando-o.

— As histórias que o doutor conta — disse o duque de Rhétoré — causam impressões profundas.

— Mas doces — replicou a srta. des Touches erguendo-se.

— Ah, minha senhora — replicou o doutor —, tenho histórias terríveis no meu

repertório; cada narrativa, porém, tem sua hora numa conversação, segundo o lindo dito referido por Chamfort e dirigido ao duque de Fronsac: “Há dez garrafas de champanha entre a tua saída e o momento em que estamos”.

— Mas são duas horas da madrugada, e a história de Rosina nos preparou — disse a dona da casa.

— Conte, sr. Bianchon...! — pediram de todos os lados.

A um gesto do complacente doutor, reinou silêncio.

— A uns cem passos, mais ou menos, de Vendôme, nas margens do Loire — disse ele —, há uma velha casa parda, encimada por telhados muito altos e tão completamente isolada, que em torno dela não existem nem curtumes malcheirosos, nem tabernas de má morte, como se costuma ver na vizinhança de quase todas as cidades pequenas. Em frente a essa habitação há um jardim que dá para o rio, e onde os buxos, antigamente aparados, que desenhavam as alamedas, crescem hoje à vontade. Alguns salgueiros nascidos no Loire desenvolveram-se rapidamente como uma sebe limitante e meio escondem a casa. As plantas que chamamos daninhas ornaram com a sua bela vegetação os barrancos da margem. As árvores frutíferas, abandonadas há dez anos, não dão mais colheitas e seus rebentos formam bosquetes. As espaldeiras assemelham-se a renques de árvores. Os caminhos, outrora ensaibrados, estão cobertos de beldroega; mas, para ser mais exato, não há mais vestígio de caminhos. Do alto da montanha sobre a qual pendem as ruínas do velho castelo dos duques de Vendôme, único lugar de onde a vista pode mergulhar naquele recinto, imagina-se que, numa época difícil de precisar, esse recanto de terra fez as delícias de algum gentil-homem cultivador de rosas, de tulipas, de horticultura numa palavra, mas sobretudo guloso de boas frutas. Vê-se ali um caramanchão, ou antes os destroços de um caramanchão, sob o qual há ainda uma mesa que o tempo não consumiu completamente. Ante o aspecto desse jardim que não mais existe, adivinham-se as alegrias negativas da vida sossegada que se goza na província, como se adivinha a existência de um bom negociante ao ler o epitáfio do seu túmulo. Para completar as ideias tristes e suaves que se apoderam da alma, um dos muros apresenta um quadrante solar ornado com esta inscrição burguesamente cristã: *Ultimam cogita.* Os telhados dessa casa estão horrivelmente estragados, as persianas sempre fechadas, as sacadas cobertas de ninhos de andorinhas, e as portas se mantêm constantemente cerradas. Ervas altas desenharam com linhas verdes as fendas das escadarias; as grades acham-se

enferrujadas. A lua, o sol, o inverno, o verão, a neve desbastaram as matas, empenaram as tábuas, corroeram as pinturas. O melancólico silêncio que ali reina só é perturbado pelos pássaros, os gatos, as fuinhas, os ratos e os camundongos, que têm liberdade de correr, brigar e devorar-se. Uma invisível mão escreveu por toda parte a palavra: *Mistério*. Se, levado pela curiosidade, alguém fosse ver aquela casa pelo lado da rua, depararia com uma grande porta arredondada no alto e na qual as crianças da terra fizeram numerosos orifícios. Soube mais tarde que aquela porta fora condenada fazia dez anos. Por aquelas brechas irregulares, poder-se-ia observar a perfeita harmonia existente entre a fachada do jardim e a fachada do pátio. A mesma desordem em toda parte. Tufos de ervas enquadram as lajes. Fendas enormes sulcam os muros, cujo topo enegrecido é enlaçado pelos mil rebentos da parietária. Os degraus da escadaria estão deslocados, a corda do sino apodrecida, as goteiras partidas. Que fogo vindo do céu passou por ali? Que tribunal ordenou que espalhassem sal sobre aquela habitação? Teriam insultado Deus, ali? Teriam ali traído a França? Eis o que se pergunta. Os répteis por ali se arrastam e não nos respondem. Essa casa vazia e deserta é um imenso enigma cuja chave ninguém conhece. Era outrora um pequeno feudo e tem o nome de Grande Ameia. Durante o tempo de minha estada em Vendôme, onde Desplein me deixara para tratar de um doente rico, a vista dessa singular vivenda tornou-se um dos meus mais vivos prazeres. Não era aquilo melhor do que uma ruína? A uma ruína prendem-se recordações de irrefragável autenticidade; mas aquela habitação ainda de pé, embora lentamente demolida por uma mão vingadora, encerrava um segredo, um pensamento desconhecido; traía, pelo menos, um capricho. Mais de uma vez, à tarde, deixei-me ir a afrontar a sebe, tornada selvagem, que protegia o recinto. Desafiava os arranhões, entrava naquele jardim sem dono, naquela propriedade que não era mais nem pública nem particular; lá ficava horas inteiras a contemplar aquela desordem. Nem mesmo para ouvir a história à qual sem dúvida era devido àquele espetáculo singular eu me permitiria fazer uma única pergunta a algum tagarela do local. Ali eu compunha romances deliciosos, entregava-me a pequenas orgias de melancolia que me encantavam. Se tivesse conhecido o motivo, possivelmente vulgar, daquele abandono, perderia as poesias inéditas com que me embriagava. Para mim, aquele asilo representava as imagens mais variadas da vida humana, ensombrecida por suas desgraças; ora nele via o claustro, sem os monges; ora a paz do cemitério, sem os mortos que nos falam a linguagem dos epitáfios;

hoje era a casa do leproso, amanhã a dos Atridas; mas era principalmente a província com suas ideias de recolhimento, com sua vida de ampulheta. Lá chorei muitas vezes, mas nunca ri. Mais de uma vez tive terrores involuntários, ouvindo, por sobre a cabeça, o surdo assobio das asas de um pombo torcaz apressado. O solo é úmido; é preciso tomar cuidado com as lagartixas, as víboras, as rãs que por ali passeiam com a selvagem liberdade da natureza; é preciso sobretudo não ter medo do frio, porque ao cabo de alguns momentos sente-se cair um manto de gelo sobre os ombros, como a mão do comendador no pescoço de dom Juan. Uma tarde tive um arrepio; o vento fizera girar uma velha ventoinha enferrujada, cujos rangidos se assemelhavam a um gemido dado pela casa, no momento em que eu terminava um drama bastante lúgubre, pelo qual me explicava essa espécie de dor monumentalizada. Voltei à minha hospedaria mergulhado em ideias sombrias. Quando eu acabara de cear, a hospedeira entrou no meu quarto com ar misterioso e me disse: “Cavalheiro, aqui está o sr. Renault”. “Quem é o sr. Renault?” “Como, não conhece o sr. Renault? Que engraçado!”, disse ela, retirando-se. De repente vi surgir um homem alto, franzino, trajado de preto, de chapéu na mão e que se apresentou como um carneiro pronto para se atirar contra um rival, deixando ver uma fronte fugidia, uma pequena cabeça pontuda e um rosto lívido, muito semelhante a um copo de água suja. Julgariam tratar-se do porteiro de um ministro. Esse desconhecido vestia uma velha casaca, muito gasta nas dobras; mas trazia um diamante no peito da camisa e brincos de ouro nas orelhas. “Senhor, a quem tenho a honra de falar?”, perguntei-lhe. Ele sentou-se numa cadeira, colocou-se diante do fogo, pôs o chapéu sobre a mesa e respondeu-me esfregando as mãos: “Ah, como está frio! Sou o sr. Renault”. Curvei-me, dizendo comigo mesmo: “*Il bondo cani!* Procura”. “Sou”, acrescentou ele, “notário em Vendôme.” “Encantado, senhor”, exclamei, “mas não me acho em situação de fazer testamento, por motivos que eu cá sei.” “Um momentinho!”, replicou ele erguendo a mão como para me impor silêncio. “Permita, senhor, permita! Soube que o senhor ia às vezes passear no jardim da Grande Ameia.” “Sim, senhor.” “Um momentinho!”, disse repetindo seu gesto. “Esse ato constitui um verdadeiro delito. Venho, senhor, em nome, e como executor testamentário da falecida sra. condessa de Merret, pedir-lhe para que suspenda suas visitas. Um momentinho! Não sou um turco e não quero fazer disso um crime. De resto, é-lhe facultado ignorar as circunstâncias que me obrigam a deixar cair em ruínas o mais belo palacete de Vendôme. Entretanto, o senhor

parece instruído e deve saber que as leis proíbem, sob penas severas, invadir uma propriedade fechada. Uma sebe equivale a um muro. O estado, porém, em que a casa se acha pode servir de desculpa à sua curiosidade. Por meu gosto eu lhe daria autorização para andar à sua vontade por aquela casa; mas encarregado de executar as vontades da testadora, tenho a honra, senhor, de lhe pedir que não entre mais naquele jardim. Eu mesmo, depois da abertura do testamento, não pus o pé naquela casa, que, como tive a honra de lhe dizer, faz parte da sucessão da sra. de Merret. Verificamos apenas as portas e as janelas a fim de estabelecer o valor do imposto que pago anualmente com os fundos destinados para esse fim pela falecida condessa. Ah, meu caro senhor, esse testamento fez muito ruído em Vendôme!” — nesse ponto, o digno senhor se deteve para assoar-se. Respeitei-lhe a loquacidade, compreendendo perfeitamente que a sucessão da sra. de Merret era o mais importante acontecimento da vida do homenzinho, toda a sua reputação, sua glória, sua Restauração. Tinha de dizer adeus aos meus sonhos, aos meus romances; não resisti, pois, ao prazer de conhecer a verdade de modo oficial. “Senhor”, disse eu, “será indiscrição perguntar-lhe os motivos dessa singularidade?”. Ao ouvir tais palavras, pelo rosto do notário perpassou um ar que exprimia todo o contentamento que sentem os homens que têm um *cavalo de batalha*, quando montam nele. Levantou a gola da camisa com certa fatuidade, puxou da tabaqueira, abriu-a, ofereceu-me rapé e, ante a minha recusa, serviu-se de abundante pitada. Estava feliz! Um homem que não tem seu cavalo de batalha ignora todo o partido que dele se pode tirar na vida. Um cavalo de batalha é o termo médio exato entre uma paixão e a monomania. Naquele momento compreendi em toda a sua extensão a bela expressão de Sterne, e tive uma ideia completa da alegria com que o tio Toby cavalgava, com o auxílio de Trim, seu cavalo de batalha. “Cavalheiro”, disse-me o sr. Regnault, “fui primeiro praticante do notário Roguin, em Paris. Excelente escritório, do qual talvez tenha ouvido falar, não? Entretanto, uma infeliz falência tornou-o célebre. Não tendo fortuna suficiente para fazer negócio em Paris, dado o preço que alcançaram os cargos em 1816, vim aqui comprar o escritório de meu predecessor. Tinha parentes em Vendôme, entre outras uma tia muito rica, que me deu a filha em casamento. Senhor”, continuou depois de breve pausa, “três meses depois de ter sido empossado pelo chanceler, guarda dos selos, fui chamado uma noite, no momento em que me ia deitar (ainda não estava casado), pela sra. condessa de Merret ao seu castelo de Merret. A criada de quarto da condessa, uma

boa rapariga que hoje trabalha nesta hospedaria, estava esperando-me na porta com a caleça da condessa. Ah, um momentinho! Devo dizer-lhe, senhor, que o conde de Merret tinha ido morrer em Paris dois meses antes de minha vinda para cá. Lá morreu miseravelmente entregando-se a excessos de toda natureza. Compreende? No dia de sua partida, a senhora condessa abandonara a Grande Ameia e a desmobiara. Algumas pessoas julgam até que ela tenha queimado os móveis, as tapeçarias, enfim, todos os objetos, em geral, que guarneciam o local presentemente alugados pelo dito senhor... (Ora essa, que estou a dizer?! Perdão, parecia-me estar ditando um contrato.) Que ela os queimou”, continuou, “no prado de Merret. Já foi a Merret, senhor? Não”, disse, dando ele próprio a resposta. “Ah, é um lugar muito bonito! Fazia três meses mais ou menos”, continuou dizendo depois de um pequeno meneio de cabeça, “o senhor conde e a senhora condessa tinham vivido de um modo estranho; não recebiam mais ninguém, a senhora morava no andar térreo e ele no primeiro andar. Quando a senhora condessa ficou só, não se mostrou mais, a não ser na igreja. Mais tarde, em seu castelo, recusou receber os amigos e as amigas que foram visitá-la. Já estava muito mudada no momento em que deixou a Grande Ameia para ir a Merret. A querida senhora... (digo querida porque este diamante foi presente dela; aliás, só a vi uma vez!). A boa dama estava muito doente; com certeza tinha perdido toda esperança de cura, porquanto morreu sem querer chamar médico, motivo pelo qual muitas senhoras daqui pensaram que ela não estava regulando bem. Minha curiosidade, senhor, subiu de ponto ao saber que a sra. Merret necessitava dos meus serviços. Não era eu o único a interessar-se por tal história. Nessa mesma noite, embora já fosse tarde, toda a cidade soube que eu ia a Merret. A criada de quarto respondeu um tanto vagamente às perguntas que lhe fiz no caminho; não obstante, disse-me que sua patroa fora sacramentada durante o dia pelo cura de Merret e que parecia não passar daquela noite. Cheguei ao castelo cerca das onze horas. Subi a grande escadaria. Depois de ter atravessado grandes salas altas e escuras, frias e úmidas a não mais poder, cheguei ao quarto de dormir de aparato onde se achava a senhora condessa. Segundo os rumores que ocorriam a respeito dessa senhora (eu não acabaria nunca, senhor, se lhe repetisse todas as histórias que se contavam dela!), eu a imaginava como uma coquete, pois tive um trabalhão para achá-la no grande leito em que ela jazia. É verdade que, para iluminar aquele enorme quarto de frisos do Antigo Regime, e tão coberto de pó que era capaz de fazer espirrar só de olhar para ele, havia apenas uma dessas antigas

lâmpadas de Argant. Ah, mas o senhor não foi a Merret! Pois bem, a cama era uma dessas de antigamente, com um dossel alto, guarnecido de chita com ramagens. Uma pequena mesa de cabeceira estava junto à cama e em cima dela vi uma *Imitação de Cristo* a qual, entre parênteses, comprei para minha mulher, bem como a lâmpada. Havia também uma grande *bergère* para a governanta e duas cadeiras. Não havia fogo, de resto. Era esse o mobiliário. Isso não daria dez linhas num inventário. Ah, meu caro senhor, se tivesse visto, como eu vi então, aquele vasto quarto forrado de tapeçarias escuras, julgar-se-ia transportado para uma verdadeira cena de romance. Aquilo era glacial, ou, por outra, fúnebre”, acrescentou, erguendo os braços num gesto teatral e fazendo uma pausa. “À força de olhar, ao aproximar-me do leito, acabei vendo a sra. Merret, graças ainda à luz da lâmpada, cujo clarão caía sobre os travesseiros. Seu rosto estava amarelo como cera e se assemelhava a duas mãos juntas. A senhora condessa estava com uma touca de renda que deixava ver lindos cabelos, mas brancos como linho. Estava sentada e parecia manter-se na posição com grande dificuldade. Seus grandes olhos negros, abatidos sem dúvida pela febre, e já quase mortos, apenas se moviam, sob os ossos onde estão as sobrancelhas. Isto”, disse ele mostrando-me a arcada orbitária. “Sua fronte estava úmida. Suas mãos descarnadas pareciam ossos recobertos com uma pele tenra; as veias e os músculos viam-se perfeitamente bem. Devia ter sido muito bonita, mas, naquele momento, ante seu aspecto, senti-me tomado de não sei que sentimento. Jamais, ao dizer dos que a amortalharam, um ser vivente alcançara seu estado de magreza sem morrer. Enfim, era espantoso vê-la! A doença tinha de tal forma consumido aquela mulher que já não era mais do que um fantasma. Seus lábios, de um violeta pálido, pareceram-me imóveis, quando me falou. Embora minha profissão me tenha familiarizado com esses espetáculos, por me levar às vezes à cabeceira de moribundos, a fim de receber suas últimas vontades, confesso que as famílias debulhadas em pranto e as agonias que vi nada eram ao lado daquela mulher solitária e silenciosa naquele vasto castelo. Eu não ouvia o menor ruído, não via o movimento que a respiração da doente deveria imprimir às cobertas que a recobriam, e fiquei completamente imóvel, entretido a olhá-la com uma espécie de estupor. Parece-me que ainda estou lá! Por fim seus grandes olhos moveram-se, ela tentou erguer a mão direita, que tornou a cair sobre o leito, saíram-lhe da boca, como um sopro, pois sua voz já não era mais voz, as seguintes palavras: ‘Esperava-o com muita impaciência!’. Suas faces coloriram-se vivamente.

Falar era um esforço para ela. ‘Senhora’, disse-lhe eu. Fez-me um sinal para que me calasse. Nesse momento, a velha camareira levantou-se e disse-me ao ouvido: ‘Não fale, a senhora condessa não está em condições de ouvir o menor ruído, e o que o senhor lhe dissesse poderia agitá-la’. Sentei-me. Instantes depois, a sra. de Merret lançou mão de todas as forças que ainda lhe restavam a fim de mover o braço direito, levou-o, não sem grande trabalho, para baixo do travesseiro, deteve-se durante um instante; depois, fez um último esforço para retirar a mão, e, quando agarrou um papel lacrado, gotas de suor caíram-lhe da fronte. ‘Confio-lhe meu testamento’, disse ela. ‘Ah, meu Deus! Ah!’ E foi tudo. Pegou um crucifixo que estava em cima da cama, levou-o rapidamente aos lábios e morreu. A expressão de seus olhos fixos causa-me ainda arrepios quando penso nisso. Ela devia ter sofrido muito! Havia alegria no seu último olhar, sentimento que continuou gravado nos seus olhos sem vida. Trouxe o testamento e, quando foi aberto, vi que a sra. de Merret nomeara-me seu executor testamentário. Legava a totalidade de seus bens ao hospital de Vendôme, salvo alguns legados particulares. Mas eis aqui quais foram suas disposições relativas à Grande Ameia. Recomendava-me que deixasse essa casa, durante cinquenta anos completos, contados do dia de sua morte, no estado em que se achasse no momento de seu trespasse, proibindo a quem quer que fosse a entrada nos apartamentos, não consentindo em que se lhes fizesse o mínimo reparo e estabelecendo até uma renda a fim de estipendiar guardas, caso fosse preciso, para assegurar a inteira execução de suas intenções. Ao expirar esse prazo, se a vontade da testadora tiver sido respeitada, a casa deverá pertencer aos meus herdeiros, porque, como o senhor deve saber, os notários não podem aceitar legados; não sendo assim, a Grande Ameia reverterá a quem de direito, com a condição, porém, de cumprir as indicações mencionadas num codicilo anexo ao testamento, e que só deve ser aberto ao expirar o prazo dos supraditos cinquenta anos. O testamento não foi impugnado, e, portanto...”. Ao dizer essas palavras e sem terminar a frase, o oblongo notário olhou-me com ar de triunfo; deixei-o completamente feliz dirigindo-lhe alguns cumprimentos. “Senhor”, disse-lhe eu por fim, “impressionou-me tão vivamente, que me parece ver essa moribunda mais pálida do que seus lençóis; seus olhos cintilantes causam-me medo, e esta noite sonharei com ela. Mas o senhor deve ter formulado algumas conjeturas sobre as cláusulas contidas nesse estranho testamento.” “Senhor”, respondeu-me com cômica reserva, “nunca me permito julgar o procedimento das pessoas que me

honraram com a dádiva de um diamante.” Daí a pouco fiz soltar-se a língua do escrupuloso notário de Vendôme, o qual me comunicou, não sem longas digressões, as observações feitas pelos profundos políticos dos dois sexos, cujas sentenças são leis em Vendôme. Essas observações, porém, eram tão contraditórias, tão difusas, que quase adormeci, apesar do interesse que eu tomava por aquela autêntica história. O tom pesado e o acento monótono daquele notário, com certeza acostumado a ouvir-se a si mesmo e a se fazer ouvir pelos clientes ou por seus conterrâneos, triunfaram sobre a minha curiosidade. Felizmente ele se foi. “Ah! Ah, meu caro senhor”, disse-me na escada, “muita gente gostaria de viver mais quarenta e cinco anos; mas um momentinho!” E pôs o indicador da mão direita, com ar finório, sobre a venta, como se quisesse dizer “preste bem atenção a isto!”. “Para ir até lá”, disse ele, “é preciso não ser sexagenário.” Fechei a porta, após ter sido tirado de minha apatia por essa última saída que o notário achou muito espirituosa; depois, sentei-me na minha poltrona, pondo os pés nas grades da lareira. Mergulhei num romance à Radcliffe, arquitetado sobre os dados jurídicos do sr. Regnault, quando minha porta, manobrada pela hábil mão de uma mulher, girou sobre os gonzos. Vi chegar minha hospedeira, mulher avantajada e jovial, de bom humor, que errara a vocação: era uma flamenga que deveria ter nascido numa tela de Teniers. “E então, senhor?”, disse-me ela. “O sr. Regnault com certeza empurrou-lhe sua história da Grande Ameia, não?” “Sim, tia Lepas.” “Que lhe disse ele?” Repeti-lhe em poucas palavras a tenebrosa e fria história da sra. de Merret. A cada frase minha hospedeira espichava o pescoço, olhando-me com perspicácia de estalajadeira, espécie de meio-termo entre o instinto do gendarme, a astúcia do espião e a manha do comerciante. “Minha cara sra. Lepas!”, acrescentei ao terminar. “Parece-me que sabe muito mais, hein? Do contrário, por que motivo teria subido a meu quarto?” “Ah! palavra de mulher honrada, tão verdade como eu me chamar Lepas...” “Não jure, seus olhos estão pejados de segredo. Conheceu o sr. de Merret, não? Que espécie de homem era?” “Para falar a verdade, o sr. de Merret, acredite, era um belo homem que a gente nunca acabava de ver, de tão comprido que era! Um digno gentil-homem que viera da Picardie e que tinha, como dizemos por aqui, a cabeça junto ao boné. Pagava tudo de contado para não ter questões com ninguém. Já vê o senhor que ele era vivo! As nossas damas achavam-no muito amável.” “Por ser ele vivo?”, perguntei. “É bem possível”, disse ela. “Bem deve imaginar, senhor, que era preciso que ele tivesse alguma coisa diante de si para

casar-se com a sra. de Merret, que, seja dito sem desfazer dos outros, era a dama mais linda e mais rica do Vendôme. Tinha cerca de vinte mil libras de renda. Toda a cidade assistiu ao casamento. A noiva era graciosa e atraente, uma verdadeira joia. Ah, os dois formavam um belo par, naquele tempo!” “Foram felizes no casamento?” “Hum, hum! Sim e não, tanto quanto se possa presumir, porque bem deve imaginar que nós outros não comíamos na mesma gamela que eles! A condessa de Merret era uma boa senhora, muito gentil, que devia, talvez, algumas vezes, sofrer bastante com as vivacidades do marido; mas a este, embora um pouco altivo, nós queríamos bem. Ora! Tinha de ser assim pelas suas condições. Quando se é nobre, vê o senhor...” “Entretanto deve ter havido por força alguma catástrofe para que o sr. e a sra. de Merret se separassem tão violentamente?” “Eu não disse que tivesse havido catástrofe, meu senhor. Não sei de nada.” “Bem. Tenho certeza agora que a senhora sabe de tudo.” “Pois bem, meu senhor, vou contar-lhe tudo. Quando vi o sr. Regnault subir aos seus aposentos, logo pensei que ele lhe falaria da sra. de Merret, a propósito da Grande Ameia. Isso lembrou-me consultar o senhor, que me parece um homem avisado e incapaz de trair uma pobre mulher como eu, que nunca fez mal a ninguém e que apesar disso vive atormentada pela própria consciência. Até agora não me animei a abrir-me com a gente da terra; são todos uns conversadores de língua ferina. Enfim, senhor, ainda não tive um viajante que tenha ficado tanto tempo na minha hospedaria e ao qual eu pudesse contar a história dos quinze mil francos...” “Minha querida sra. Lepas”, respondi, interrompendo-lhe o fluxo de palavras, “se sua confiança é de natureza a comprometer-me, por coisa alguma deste mundo eu quisera ouvi-la.” “Não tenha medo”, disse ela atalhando-me. “O senhor vai ver.” Essa solicitude fez-me crer que eu não era o único a quem minha boa hospedeira houvesse participado o segredo do qual eu devia ser o único depositário, e por isso dispus-me a ouvir. “Quando o imperador”, disse ela, “mandou para cá uns espanhóis prisioneiros de guerra ou de outra espécie, eu tive de hospedar, por conta do governo, um jovem espanhol mandado a Vendôme sob palavra. Não obstante a palavra dada, ele ia todos os dias apresentar-se ao subprefeito. Era um Grande da Espanha! Se lhe parece! Tinha um nome com os e com *dia*, coisa como Bagos de Feredia. Escrevi o nome dele nos meus registros, onde o senhor o poderá ler, se quiser. Oh, para um espanhol era um belo rapaz, pois, segundo dizem, todos eles são feios. Não tinha mais de cinco pés e duas ou três polegadas, mas era bem-feito de corpo; tinha mãos pequenas que cuidava

muito, ah, era preciso ver. Tinha tantas escovas para as mãos quantas uma mulher tem para todas as suas *toilettes*! Seus cabelos eram compridos e negros, e os olhos de fogo, a tez um tanto acobreada, mas que assim mesmo me agradava. A roupa branca que usava era tão fina como nunca eu tinha visto em outra pessoa, e no entanto já hospedei princesas, e entre outros o general Bertrand, o duque e a duquesa de Abrantes, o sr. Decazes e o rei da Espanha. Não comia grande coisa, mas tinha uns modos tão cortesões, tão amáveis, que não se lhe podia querer mal. Oh, eu queria-lhe muito, embora ele não dissesse quatro palavras por dia e fosse impossível ter com ele qualquer conversa; se a gente lhe falava, ele não respondia; era um tique, uma mania que eles todos têm, conforme fui informada. Lia o seu breviário como um padre, ia à missa e a todos os ofícios regularmente. Onde se metia ele? Notamos isso mais tarde: a dois passos da capela da sra. de Merret. Como ele se colocou ali desde a primeira vez que foi à igreja, ninguém imaginou que houvesse uma segunda intenção naquilo. De resto, o pobre rapaz não tirava o nariz do seu livro de orações! E daí, meu senhor, à tarde ele passeava pela montanha, nas ruínas do castelo. Era o único divertimento do pobre moço; isso lhe lembrava a sua terra. Dizem que na Espanha é só montanhas! Desde os primeiros dias de sua detenção, ele se atrasou. Fiquei inquieta não o vendo voltar senão ao bater meia-noite, mas nos habituamos às suas fantasias; ele ficou com a chave da porta e nós não o esperávamos mais. Ele morava na casa que temos na rue des Casernes. Daí então, um dos nossos cavaliços nos disse que, uma tarde, ao ir banhar os cavalos, julgou ter visto o Grande da Espanha nadando ao longe, no rio, como um verdadeiro peixe. Quando voltou, eu lhe disse que tomasse cuidado com as ervas aquáticas; ele se mostrou contrariado por ter sido visto dentro da água. Enfim, meu senhor, um dia, ou antes, uma manhã, nós não o achamos mais no seu quarto; ele não tinha voltado. À força de remexer por toda a parte, vi um escrito na gaveta da sua mesa onde havia cinquenta moedas de ouro, espanholas, que se chamam *portuguesas* e que valiam mais ou menos cinco mil francos; e além disso diamantes, numa caixinha selada, no valor de dez mil francos. O escrito dizia que, no caso de ele não voltar, nos deixava aquele dinheiro e aqueles diamantes com o encargo de mandarmos dizer missas para agradecer a Deus por sua evasão e sua salvação. Naquele tempo eu ainda tinha o meu homem, que saiu em busca do rapaz. E agora vai o engraçado do caso! Ele voltou com as roupas do espanhol encontradas embaixo de uma grande pedra numa espécie de estacada, à beira do rio, do lado do

castelo, pouco mais ou menos em frente à Grande Ameia. Meu marido foi lá tão cedo que ninguém o viu. Queimou as roupas depois de ter lido a carta, e nós declaramos, de acordo com o desejo do conde Feredia, que este se havia evadido. O subprefeito pôs toda a polícia no seu encalço; mas, puf!, não o puderam pegar. Meu marido acreditou que o espanhol se tivesse afogado. Quanto a mim, senhor, não o creio, antes penso que de qualquer forma ele está metido no assunto da sra. de Merret, visto que Rosália me disse que o crucifixo que a patroa dela queria tanto, a ponto de se fazer enterrar com ele, era de ébano e prata; ora, nos primeiros tempos de sua estada, o sr. Feredia tinha um de ébano e prata que não tornei a ver mais. E agora, meu senhor, não acha que não devo ter remorsos dos quinze mil francos do espanhol e que eles são bem meus?” “Certamente. Mas a senhora não tentou fazer perguntas a Rosália?”, disse-lhe eu. “Oh, sim, senhor. Que quer! Essa rapariga é um túmulo. Ela sabe de alguma coisa, mas não se consegue fazê-la falar.” Depois de ter conversado durante algum tempo comigo, minha hospedeira deixou-me empolgado por pensamentos vagos e tenebrosos, por uma curiosidade romanesca, por um terror religioso bastante parecido ao sentimento profundo que se apodera de nós, quando entramos à noite numa igreja sombria, onde entrevemos uma luz fraca, ao longe, sob as altas arcadas; uma figura indecisa desliza, um farfalhar de vestido ou de sotaina faz-se ouvir... nós estremecemos. A Grande Ameia com seus altos espinhais, suas janelas condenadas, suas portas fechadas, suas grades enferrujadas, seus apartamentos desertos, apresentou-se repentinamente de modo fantástico diante de mim. Tentei penetrar naquela misteriosa habitação buscando a chave daquela história solene, o drama que matara três pessoas. Rosália tornou-se para mim o ser mais interessante de Vendôme. Descobri, ao analisá-la, vestígios de um pensamento íntimo, não obstante a saúde brilhante que resplandecia em seu rosto rechonchudo. Havia nela um princípio de remorso ou de esperança; sua atitude denunciava um segredo, como a das devotas que rezam em excesso, ou a da rapariga infanticida que ouve continuamente o grito de seu filhinho. Seu modo de ser, entretanto, era ingênuo e grosseiro, seu sorriso simplório nada tinha de criminoso, e para julgá-lo inocente bastava ver o grande lenço de xadrez, vermelho e azul, que recobria seu busto vigoroso, enquadrado, apenado, amarrado por um vestido de listras brancas e violeta. “Não”, pensei eu, “não sairei de Vendôme sem saber toda a história da Grande Ameia. Para alcançar meus fins far-me-ei amigo de Rosália, se for absolutamente indispensável.” “Rosália!”, disse-lhe uma noite. “Que deseja,

senhor?” “Não é casada?” Ela estremeceu ligeiramente. “Oh, não me faltarão homens, quando me der na fantasia ser infeliz!”, disse ela a rir. Refez-se depressa da emoção íntima, pois todas as mulheres, desde a grande dama até as criadas de taberna, inclusive, têm um sangue-frio que lhes é peculiar. “Você é bastante viçosa e bastante apetitosa para que não lhe escasseiem apaixonados! Mas, diga-me, Rosália, por que motivo se fez criada da hospedaria ao deixar a sra. de Merret? Não lhe deixou ela nenhuma renda?” “Oh, deixou, sim senhor! Mas este emprego é o melhor de toda Vendôme.” Essa resposta era uma das tais que os juízes e os advogados denominam *dilatórias*. Rosália parecia-me nesta história situada como a casa que está no meio de um tabuleiro de damas; estava no próprio centro do interesse e da verdade; afigurava-se-me atada no nó. Não era mais uma sedução comum a tentar; havia naquela rapariga o último capítulo de um romance; por isso, desde aquele momento, Rosália tornou-se alvo da minha predileção. À força de estudar essa rapariga, notei nela, como em todas as mulheres de que fazemos nosso pensamento principal, uma porção de qualidades; era asseada, cuidadosa; bonita, já se deixa ver; breve teve todos os atrativos que nosso desejo empresta às mulheres, seja qual for a sua situação. Quinze dias depois da visita do notário, uma noite, ou melhor, uma manhã, pois era muito cedo, eu disse a Rosália: “Queres contar-me tudo o que sabes a respeito da sra. de Merret?”. “Oh!”, respondeu ela aterrorizada. “Não me peça isso, sr. Horácio.” Seu belo rosto tornou-se sombrio, suas cores vivas e animadas empalideceram e seus olhos não tiveram mais seu inocente brilho úmido. “Pois bem!”, volveu. “Uma vez que o quer, vou contá-lo, mas guarde-me bem o segredo!” “Vamos, minha pobre filha, guardarei todos os teus segredos com probidade de ladrão, que é a mais leal que existe.” “Se não lhe faz diferença”, disse ela, “prefiro que seja com a sua.” E aí ela endireitou a manta do pescoço e pôs-se em posição para narrar, pois há, certamente, uma atitude de confiança e de seguridade necessária para contar uma história. As melhores narrativas são feitas em certas horas, como nesta em que estamos à mesa. Ninguém narra bem de pé ou de estômago vazio. Mas se fosse preciso reproduzir fielmente a difusa eloquência de Rosália, um volume inteiro mal daria. Ora, como os fatos de que ela me deu um confuso conhecimento acham-se situados entre a tagarelice do notário e a da sra. Lepas, tão exatamente quanto os termos médios de uma proporção aritmética estão entre os dois extremos, nada mais tenho a fazer senão referi-los em poucas palavras. Portanto resumo. O quarto que a sra. de Merret ocupava na Grande Ameia

estava situado no andar térreo. Um pequeno gabinete de quatro pés de profundidade, feito no interior da parede, servia-lhe de guarda-roupa. Três meses antes da noite cujos acontecimentos lhes vou contar, a sra. de Merret estivera seriamente indisposta para que o marido a deixasse sozinha nos seus aposentos, e ele dormia num quarto do primeiro andar. Por um desses acasos impossíveis de prever, ele voltou, naquela noite, duas horas mais tarde do que de costume do clube aonde ia ler os jornais e conversar sobre política com os habitantes da localidade. Sua esposa julgava-o de volta, deitado, adormecido. Mas a invasão da França fora objeto de uma discussão muito animada; a partida de bilhar se aquecera, ele tinha perdido quarenta francos, soma enorme em Vendôme, onde todos entesouram, e onde os costumes são contidos nos limites de uma modéstia digna de louvores, fonte talvez de uma felicidade de que nenhum parisiense faz caso. Já havia algum tempo que o sr. de Merret se contentava em perguntar a Rosália se sua esposa estava deitada, e, ante a resposta sempre afirmativa da rapariga, ele ia imediatamente para os seus aposentos, com a bonomia que deriva do hábito e da confiança. Ao entrar, veio-lhe à mente ir aos aposentos da sra. de Merret para contar-lhe o seu desastre e talvez também para se consolar. Durante o jantar achara que a sra. de Merret estava sedutoramente ataviada; dizia consigo, no caminho do clube à casa, que a esposa já não devia estar indisposta, que a convalescença a tinha embelezado e começava a aperceber-se do fato, como os maridos se apercebem de tudo, um pouco tarde. Em vez de chamar Rosália, que naquele momento estava ocupada na cozinha em ver a cozinheira e o cocheiro jogar um lance difícil de bisca, o sr. de Merret dirigiu-se ao quarto da esposa, à luz de sua lanterna que tinha deixado no primeiro degrau da escada. Seu passo, fácil de reconhecer, repercutia sob as abóbadas do corredor. No momento em que o gentil-homem fez girar a chave do quarto da mulher, teve a impressão de que ouvira fechar a porta do gabinete de que lhes falei; mas, quando entrou, a sra. de Merret estava sozinha, de pé, diante da lareira. O marido ingenuamente pensou que Rosália estivesse no gabinete; contudo, uma suspeita que lhe tilintou no ouvido com um rumor de sinos deixou-o desconfiado; olhou para a mulher e achou-lhe nos olhos não sei quê de turvo e de felino. “Volta bem tarde, hoje”, disse ela. Aquela voz habitualmente tão pura e graciosa pareceu-lhe levemente alterada. O sr. de Merret nada respondeu, pois Rosália entrou naquele momento. Aquilo para ele foi como um raio. Passeou pelo quarto, indo de uma janela à outra, num movimento uniforme e com os braços

cruzados. “Teve alguma notícia triste, ou não está se sentindo bem?”, perguntou-lhe timidamente a esposa, enquanto Rosália a despia. Ele manteve-se calado. “Retire-se”, disse a sra. de Merret à sua criada, “eu mesma porei os papelotes.” Ela pressentiu alguma desgraça, só pelo aspecto do rosto do marido, e quis ficar a sós com ele. Depois que Rosália se retirou, ou pareceu retirar-se, pois permaneceu alguns momentos no corredor, o sr. de Merret postou-se diante da mulher e lhe disse friamente: “Senhora, há alguém no seu gabinete!”. Ela fitou o marido com ar calmo e respondeu-lhe com simplicidade: “Não, senhor”. Essa expressão afligiu o sr. de Merret, que nela não cria; e, contudo, nunca sua mulher lhe parecera mais pura, nem mais religiosa do que aparentava naquele momento. Levantou-se para ir abrir o gabinete; a sra. de Merret pegou-o pela mão, deteve-o, olhou-o com ar melancólico e disse-lhe com voz estranhamente comovida: “Se não achar ninguém, lembre-se de que tudo estará acabado entre nós!”. A incrível dignidade estampada na atitude da esposa restituiu ao gentil-homem uma profunda estima por ela e inspirou-lhe uma dessas resoluções às quais nada mais falta do que um mais vasto cenário para se tornarem imortais. “Não, Josefina”, disse ele, “não irei. Quer num, quer noutro caso, nós nos veríamos separados para sempre. Ouve-me, conheço toda a pureza da tua alma e sei que levas uma vida santa; não quererias cometer um pecado mortal à custa de tua vida.” A essas palavras, a sra. de Merret olhou para o marido com um olhar desvairado. “Toma, aqui tens teu crucifixo”, acrescentou ele. “Jura-me perante Deus que não está ali ninguém; eu te acreditarei e jamais abrirei essa porta.” A sra. de Merret tomou o crucifixo e disse: “Juro”. “Mais alto!”, disse o marido. “E repete: ‘Juro perante Deus que não há ninguém naquele gabinete’.” Ela repetiu a frase sem se perturbar. “Está bem”, disse friamente o sr. de Merret, e após um momento de silêncio: “Tem aqui um belo objeto que eu não conhecia”, disse, examinando o crucifixo de ébano incrustado de prata, e muito artisticamente esculpido. “Achei-o em casa de Duvivier, o qual, quando aquele bando de prisioneiros passou por Vendôme, o ano passado, comprara-o a um religioso espanhol.” “Ah!”, fez o sr. de Merret repondo o crucifixo no prego, e tocou a campainha. Rosália não se fez esperar. O sr. de Merret foi vivamente ao seu encontro, levou-a para o vão de uma janela que dava para o jardim e disse-lhe em voz baixa: “Sei que Gorenflot quer desposar-te, que somente a pobreza impede que vocês se casem e que lhe disseste que não serias sua mulher enquanto ele não achasse meios de se tornar oficial de pedreiro... Pois bem! Vai buscá-lo, dize-lhe que

traga sua trolha e demais ferramentas. Faze de modo a não despertar mais ninguém em casa a não ser ele; a fortuna dele ultrapassará os teus desejos. Sobretudo sai daqui sem conversar, senão...”. Franziu o sobrolho. Rosália saiu, mas ele tornou a chamá-la. “Toma a minha chave de trinco”, disse ele. “João!”, gritou em seguida com voz atrojada, no corredor. João, que era ao mesmo tempo cocheiro e homem de confiança do sr. de Merret, deixou sua partida de bisco e veio. “Vão todos deitar-se”, disse-lhe o patrão, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse, e acrescentou, mas em voz baixa: “Quando todos estiverem dormindo, *dormindo*, compreendeste bem?, descerás para me prevenir”. O sr. de Merret, que não perdera a esposa de vista enquanto dava as suas ordens, voltou tranquilamente para o lado dela, junto ao fogo, e pôs-se a contar-lhe os incidentes da partida de bilhar e as discussões do clube. Quando Rosália voltou, viu o sr. de Merret e a esposa conversando muito amigavelmente. O gentil-homem tinha feito recentemente estudar todas as peças que compunham seu apartamento de recepções no rés do chão. Como o gesso é escasso em Vendôme e o transporte o encarece muito, o gentil-homem fizera vir uma quantidade bastante grande, sabendo que sempre acharia numerosos compradores para o que lhe sobrasse. Essa circunstância inspirou-lhe o projeto que pôs em execução. “Senhor, Gorenflot está aí”, disse Rosália em voz baixa. “Manda entrar”, respondeu em voz alta o gentil-homem da Picardie. A sra. de Merret empalideceu levemente ao ver o pedreiro. “Gorenflot”, disse o marido, “vai buscar uns tijolos no alpendre e traze o bastante para murar a porta desse gabinete; empregará o gesso que me sobre para rebocar a parede.” Depois, chamando para junto dele Rosália e o operário: “Escuta, Gorenflot”, disse em voz baixa, “dormirás aqui esta noite. Mas amanhã terás um passaporte para ir ao estrangeiro, a uma cidade que designarei. Vou dar-te seis mil francos para a tua viagem. Ficarás dez anos nessa cidade; se não te agradares dela, poderás estabelecer-te noutra, contanto que seja no mesmo país. Passarás por Paris, onde me esperarás. Lá eu te garantirei, por um contrato, outros seis mil francos, que te serão pagos à tua volta, no caso de teres cumprido as cláusulas de nosso convênio. Nessas condições, deverás guardar o mais profundo segredo sobre o que tiveres feito aqui esta noite. Quanto a ti, Rosália, eu te darei dez mil francos, que só te serão entregues no dia de teu casamento, e com a condição de desposares Gorenflot; mas, para se casarem, é preciso ficar calados. Do contrário, não haverá dote”. “Rosália”, disse a sra. de Merret, “venha pentear-me.” O marido passeava tranquilamente de um lado para

outro, vigiando a porta, o pedreiro e sua esposa, mas sem deixar transparecer uma desconfiança injuriosa. Gorenflot foi obrigado a fazer barulho. A sra. de Merret aproveitou um momento em que o operário descarregava os tijolos e em que o marido se achava na extremidade do quarto para dizer a Rosália: “Mil francos de renda para ti, minha querida filha, se puderes dizer a Gorenflot que deixe uma fenda embaixo”. Depois, em voz alta, disse à criada, com sangue-frio: “Vai ajudá-lo!”. O sr. e a sra. de Merret permaneceram calados durante todo o tempo empregado por Gorenflot para murar a porta. Esse silêncio por parte do marido era calculado, pois não queria fornecer à mulher pretexto para proferir palavras de duplo sentido; e, por parte da sra. de Merret, era prudência ou altivez. Quando o muro estava na metade da sua altura, o esperto pedreiro aproveitou um momento em que o gentil-homem estava de costas para dar um golpe com o alvião num dos dois vidros da porta. Esse ato fez com que a sra. de Merret compreendesse ter Rosália falado a Gorenflot. Os três viram então um rosto de homem, moreno e sombrio, de cabelos negros e olhar de fogo. Antes que o marido se voltasse, a pobre mulher teve tempo de fazer um sinal com a cabeça ao estrangeiro, para quem esse sinal queria dizer: “Espere!”. Às quatro horas, ao clarear o dia, pois estava-se no mês de setembro, a obra ficou concluída. O pedreiro permaneceu sob a custódia de João e o sr. de Merret dormiu no quarto da esposa. Pela manhã, ao levantar-se, ele disse com indiferença: “Ah, com os diabos! Tenho de ir à *mairie* por causa do passaporte”. Pôs o chapéu na cabeça, deu três passos na direção da porta, reconsiderou, pegou o crucifixo. Sua esposa estremeceu de contentamento. “Ele vai à casa de Duvivier”, pensou. Assim que o gentil-homem partiu, ela tocou a sineta chamando Rosália; depois, com voz terrível: “O alvião! O alvião!”, exclamou. “E mãos à obra! Ontem vi como Gorenflot trabalhava, teremos tempo de fazer um buraco e depois tapá-lo.” Num abrir e fechar de olhos, Rosália trouxe uma espécie de *merlim* para sua patroa, que, com um ardor que não é possível descrever, pôs-se a demolir o muro. Já tinha feito saltar alguns tijolos, quando, ao tomar impulso para dar um golpe mais vigoroso ainda do que os outros, viu o sr. de Merret atrás de si. Desmaiou. “Ponha a senhora na cama”, disse o gentil-homem friamente. Prevendo o que se iria passar durante sua ausência, preparara aquela armadilha para a esposa; contentara-se simplesmente em escrever ao *maire* e mandara chamar Duvivier. O joalheiro chegou no momento em que a desordem do apartamento acabava de ser reparada. “Duvivier”, perguntou-lhe o gentil-homem, “não comprou o senhor crucifixos dos

espanhóis que passaram por aqui?” “Não, senhor.” “Bem, agradeço-lhe”, disse-lhe trocando com a mulher um olhar de tigre. “João”, acrescentou, dirigindo-se a seu criado de confiança, “faça trazer minhas refeições ao quarto da sra. de Merret; ela está doente, e não a deixarei enquanto não estiver restabelecida.” O cruel gentil-homem conservou-se durante vinte dias junto à esposa. Nos primeiros momentos, quando no gabinete murado fazia-se algum ruído e Josefina queria implorar-lhe piedade para o desconhecido moribundo, ele atalhava sem lhe permitir dizer uma única palavra: “A senhora jurou sobre a cruz que ali não havia ninguém”.

Depois dessa narrativa, todas as damas ergueram-se da mesa e o encantamento sob o qual as mantivera Bianchon dissipou-se com esse movimento. Não obstante, algumas delas tinham quase sentido frio ao ouvir a última palavra.